

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LUSIANA PRATES PEREIRA

**CÍRCULO DE LEITURA E DIÁLOGO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA DE INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA**

**Bagé
2018**

LUSIANA PRATES PEREIRA

**CÍRCULO DE LEITURA E DIÁLOGO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA DE INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre no Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa

Orientador: Alessandro Carvalho Bica

Coorientador^a: Vera Cardoso Medeiros

**Bagé
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais)

P436c Pereira, Lusiana Prates

Círculo de leitura e diálogo literário: uma proposta pedagógica de incentivo à leitura literária / Lusiana Prates Pereira.

111 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS, 2018.
"Orientação: Alessandro Carvalho Bica".

1. Leitura literária. 2. Literatura. 3. Práticas de leitura literária. 4. Autor local. I. Bica, Alessandro Carvalho (Orient.). II. Título.

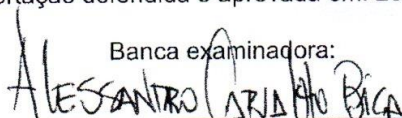
LUSIANA PRATES PEREIRA

CÍRCULO DE LEITURA E DIÁLOGO LITERÁRIO: UMA
PROPOSTA PEDAGÓGICA DE INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA

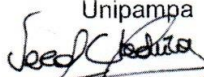
Dissertação apresentada, como requisito
parcial para obtenção do Título de Mestre
no Curso de Mestrado Profissional em
Ensino de Línguas da Universidade
Federal do Pampa

Dissertação defendida e aprovada em: 29/06/2018

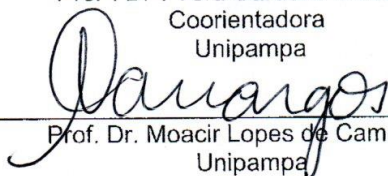
Banca examinadora:



Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica
Orientador
Unipampa



Prof.^a. Dr.^a. Vera Cardoso Medeiros
Coorientadora
Unipampa



Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos
Unipampa



Prof. Dr.^a Eliana Inge Pritsch
Unisinos

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, que me deu força em todos os momentos, à todos os familiares que sempre me apoiaram e torceram por mim, em especial, aos meus grandes amores, noivo Leonardo, mãe Eliana e pai Luís Carlos, maiores incentivadores e fontes inesgotáveis de apoio, amor e paciência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

- À Deus, por ter me guiado e ajudado a conseguir a aprovação neste Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas e também pela saúde, paz, proteção, sabedoria, força e coragem para seguir em frente.
- À minha família que sempre acreditou nos meus sonhos e também soube compreender minha ausência e falta de tempo. Um agradecimento muito especial aos meus pais Eliana e Luís Carlos pela motivação, e educação passadas a mim, por tudo que fizeram, meu muito obrigada! Amo muito vocês!
- Ao meu noivo Leonardo, pelo amor, companheirismo, incentivo, paciência e por estar ao meu lado em todos os momentos. Obrigada por compreender meus momentos de ausência! Te amo!
- À minha tia e colega de profissão Eloisa Elena Prates, minha fonte de inspiração, que sempre me deu força para que eu seguisse em busca do meu objetivo e não desistisse no primeiro obstáculo.
- Aos meus amigos pelas palavras de incentivo, principalmente a Simone Jardim que sempre me motivou a não perder o foco na escrita.
- À meu orientador Alessandro Bica que sempre se empenhou em me ajudar, orientar sempre com muita dedicação, muitas vezes desempenhando o papel de conselheiro nos momentos de angústia.
- À coordenadora do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas, professora Valesca Irala, e demais professores que lutaram para implementar este curso e pela oportunidade de eu estar concretizando o sonho de ser mestre.
- Aos professores Eliana Pritsch e Vera Medeiros, pelo aceite em participarem da banca examinadora da minha defesa de qualificação, pelo apoio e por todas as contribuições feitas, as quais têm sido muito valiosas e bem vindas.
- Aos professores Eliana Pritsch e Moacir de Camargos, pela gentileza em aceitaram participar da banca examinadora da defesa final de minha dissertação.
- À todos os professores do Curso, pela forma como conduziram as aulas, contribuindo através de suas disciplinas e de discussões sobre os mais variados assuntos de interesse pessoal e profissional.

- A todos os meus colegas de curso que contribuíram com a minha aprendizagem e pela amizade construída durante os dois anos dessa especialização.
- Aos meus colegas de curso e amigos especiais Alessandro, Eduarda, Michele e Daniela, que no decorrer do curso sempre participaram de meu esforço, agradeço pelos momentos de estudo, pela troca de experiências e pela amizade.
- Aos alunos da turma do 9º ano (em 2017) do Ensino Fundamental do Colégio Waldemar Amoretty Machado, por participarem ativamente nas atividades propostas na unidade de aprendizagem, pelos diálogos, questionamentos e troca de experiências.
- Ao escritor Fernando Risch por acreditar no projeto e ser parceiro nessa caminhada.
- Enfim, obrigada a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, têm contribuído para a realização desta pesquisa

“Ai de nós, educadores e educadoras, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis.”

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo sensibilizar os alunos à leitura literária dentro da escola pública através da leitura de obras de autores locais, proporcionando aos estudantes momentos significativos de contato com o texto literário, além de encontro e diálogo com o autor. Para atingir o objetivo foi analisada a metodologia da execução do projeto Circulo de Leitura e Diálogo Literário em que se constatou a necessidade de incentivar o aluno a leitura literária a partir da leitura de obras de autores locais, levando-o a interagir com o texto literário e reconhecer as possibilidades do encontro e troca de experiências com o autor. Este trabalho justifica-se pelo entendimento de que o incentivo à leitura literária e a formação de leitores literários na escola se faz necessária e urgente. Diante disso, a inserção de obras literárias de autores locais, através de projetos de incentivo à leitura, pode ser uma forma eficaz de levar o aluno a interessar-se pela leitura, visto que há uma proximidade entre autor e leitor, possibilitando o encontro e diálogo entre ambos. Para o embasamento teórico, busca-se subsídios em pressupostos de abordagem humanizadora de Freire (FREIRE, 1986 e LAJOLO, 2006). Também complementam essa reflexão teórica as contribuições dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e Referenciais Curriculares - Lições do Rio Grande (RCLRG, 2009), além de Jobim (2009) e Traversini e Bello (2008). Contribui também para a pesquisa desenvolvida os conceitos sobre leitura literária e escola de Zilberman (2009) e de Letramento Literário de Cosson (2007). A investigação, dividida em 7 momentos distintos, para a realização deste trabalho se desenvolveu no ano de 2017 no Colégio Waldemar Amoretty Machado, com estudantes do 9º ano do Ensino fundamental que tinham entre 13 e 15 anos de idade. A última etapa da pesquisa consistiu em analisar a implantação da unidade de aprendizagem e sua contribuição para melhorar e aperfeiçoar os recursos didáticos pedagógicos dos professores e significar o ensino-aprendizagem dos estudantes, no que diz respeito ao incentivo à leitura literária na escola. Os resultados da pesquisa evidenciaram o sucesso da intervenção e entende-se que os objetivos foram atingidos, pois houve engajamento de todos os alunos durante as atividades propostas. Eles puderam refletir sobre sua prática leitora e avaliar o seu grau de leitura, considerando-se ou não leitor literário. Analisando seus relatos das atividades diagnósticas fica evidente o quão motivados ficaram para realizarem novas leituras, após o desenvolvimento da intervenção pedagógica de incentivo à leitura literária.

Palavras-chave: Leitura literária. Literatura. Práticas de leitura literária. Autor local.

ABSTRACT

This research aims to sensitize students to literary reading within the public school by reading works by local authors, providing them with significant moments of contact with the literary text and the encounter and dialogue with the author. In order to reach the objective, the methodology of the Reading Circle and Literary Dialogue project was analyzed, where it was verified the need to encourage the student to read literary from the reading of works by local authors, leading him to interact with the literary text and recognize the possibilities of meeting and exchange experiences with the author. This work is justified by the understanding that the incentive to literary reading and the formation of literary readers in the school becomes necessary and urgent. Therefore, the insertion of literary works by local authors, through projects to encourage reading, can be an effective way to get the student interested in reading, since there is a proximity between author and reader, enabling the encounter and dialogue between them. For the theoretical basis, we seek subsidies in assumptions of Freire's humanizing approach (FREIRE, 1986 and LAJOLO, 2006). Also complementing this theoretical reflection are the contributions of the National Curricular Parameters (PCN, 1998) and Curricular Reference - Rio Grande Lessons (RCLRG, 2009). Other authors are: Jobim (2009) and Traversini e Bello (2008). Also contributing to the research developed are the concepts of literary reading and school of Zilberman (2009) and Cosson Literary Literature (2007). The research to carry out this work was carried out in 2017 at the Waldemar Amoretty Machado College, with 9th grade students who were between 13 and 15 years of age and divided into 7 different moments. The last stage of the research was to analyze the implementation of the learning unit and its contribution to improve and improve the pedagogical didactic resources of the teachers and to signify the teaching-learning of the students, with respect to the incentive to the literary reading in the school. The results of the research evidenced the success of the intervention and it is understood that the objectives were reached, since there was engagement of all the students during the proposed activities. They could reflect on their reading practice and assess their reading ability, whether or not they are literary readers. Analyzing their reports of the diagnostic activities, it is evident how motivated they were to carry out new readings, after the development of the pedagogical intervention of incentive to literary reading.

Keywords: Literary reading. Literature. Literary reading practices. Local author

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Termo de autorização de uso de imagem.....	45
Figura 2 – Filme “Escritores da Liberdade”	46
Figura 3 – Atividade diagnóstica 1.....	47
Figura 4 – Aula expositiva sobre autor e obra.....	48
Figura 5 – Grupo criado para compartilhamento do livro.....	49
Figura 6 – Perguntas destinadas ao autor.....	50
Figura 7 – Roda de Conversa e Diálogo Literário.....	52
Figura 8 – Registro fotográfico com o autor.....	53
Figura 9 – Passeio pela Biblioteca.....	53
Figura 10 – Confraternização.....	54
Figura 11 – Recorte da atividade diagnóstica 1 (aluno 1).....	58
Figura 12 – Recorte da atividade diagnóstica 1 (aluno 2).....	59
Figura 13 – Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 1).....	63
Figura 14 – Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 2).....	64
Figura 15 – Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 3).....	64
Figura 16 – Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 4).....	65
Figura 17 – Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 5).....	65
Figura 18 – Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 6).....	66
Figura 19 – Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 7).....	66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 Literatura e Escola	17
2.2 Da leitura da palavra para a leitura do mundo.....	22
2.3 Letramento literário.....	27
2.4 Círculos de leitura e de cultura	34
2.5 O papel do professor - leitor / mediador.....	38
3 CÍRCULO DE LEITURA E DIÁLOGO LITERÁRIO	41
3.1 O projeto de intervenção pedagógica	42
3.2 Círculo de leitura e diálogo literário como atividade pedagógica.....	43
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO SOBRE A PRÁTICA.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS.....	70
ANEXOS	72

1 INTRODUÇÃO

Reconhecer a importância da leitura dentro da escola é de suma necessidade, porém durante meu processo escolar, enquanto estudante do Ensino Fundamental e Médio, conheci poucos professores que agissem para melhorar a situação precária de leitura entre jovens estudantes

A preocupação em formar leitores sempre foi muito latente em mim, desde a graduação. Já os primeiros estágios que realizei como acadêmica de Letras foram destinados à formação de leitores literários, e cada vez mais percebi a urgência em que o ensino público precisava ter em priorizar a leitura literária em aula. Ainda durante a graduação, participei como voluntária em um projeto de contadores de histórias em que, algumas escolas municipais foram escolhidas e alguns livros selecionados nas bibliotecas para a realização das atividades.

A metodologia consistia em visitar turmas de alunos das séries iniciais e finais do ensino fundamental e contar a história de um livro selecionado anteriormente. Durante a primeira vez que contei a história de “Oliver Twist”, percebi o brilho no olhar daquelas crianças enquanto a história era narrada e mais impressionada fiquei, ao final daquele momento, quando a maioria dos alunos queriam realizar a leitura daquele livro. A partir daquele instante tive a certeza que só faltava a eles o incentivo para ingressar no mundo da leitura.

Foi a partir dessa experiência que comecei a pensar na minha futura prática como professora, pois ficou claro que os alunos não se interessavam pela leitura porque não eram incentivados para tal. Em 2011 concluí minha graduação e vinte dias depois ingressava no Estado do Rio Grande do Sul como professora de Português, Espanhol e respectivas Literaturas.

Desde o primeiro momento em que pisei na escola, tinha certeza do que deveria fazer: motivar meus alunos a ler. Não foi e não é uma caminhada fácil, há muitos obstáculos no meio do caminho, porém um sonho só é realizado se temos objetivos, e os meus estavam bem claros.

A importância da formação literária na escola vem sendo discutida há décadas e professores que, preocupados com sua prática, buscam uma forma de motivar seus alunos ao hábito da leitura. Discussões em torno desse tema vêm sendo realizadas desde a década de 70, levando alguns pesquisadores como Lajolo, Zilberman, Geraldí, entre outros, a falar sobre “crise da leitura”. Muitos alunos

apresentam dificuldades na expressão oral, na escrita e pouquíssimo envolvimento com a leitura o que acarreta maiores problemas na interpretação e reflexão sobre os textos eventualmente lidos em aula. Essa situação é decorrente da forma com que o professor trata a leitura em sala de aula, uma vez que o próprio professor pode não gostar de ler. Contudo, se este não estiver motivado a ler, como conseguirá despertar o interesse no seu aluno?

Em um estudo de Maia (2007), ela relata que de modo geral as crianças demonstram interesse pela leitura, no entanto essa diminui à medida que elas passam a aumentar de idade, comprovando o que alguns autores afirmam: “quanto mais cedo a criança conviver com a literatura, mais garantias se tem de seu futuro como leitor.” (MAIA, 2007, p. 60). Ainda nesse estudo, ela constata que há falta de formação e informação sobre a literatura, por parte dos professores das escolas, voltadas para as práticas de leitura em sala de aula, razão pela qual poucos têm interesse na realização de práticas pedagógicas voltadas para a formação do leitor literário.

Diante de tal contexto, esta dissertação justifica-se pelo entendimento de que o incentivo à leitura literária e a formação de leitores literários na escola se faz necessária e urgente. Diante disso, a inserção de obras literárias de autores locais, através de projetos de incentivo a leitura, pode ser uma forma eficaz de levar o aluno a interessar-se pela leitura, visto que há uma proximidade entre autor e leitor, possibilitando o encontro e diálogo entre ambos.

A investigação para a realização deste trabalho, dividida em 7 momentos distintos, se desenvolveu no ano de 2017 no Colégio Waldemar Amoretty Machado, nas aulas de Língua Portuguesa, com estudantes do 9º ano do Ensino fundamental que tinham entre 13 e 15 anos de idade. Turma em que ministrava aulas desde 2016.

A pesquisa foi desenvolvida através de uma pesquisa-ação que consiste em refletir sobre sua forma de dar aula e “melhorar a prática em vez de gerar conhecimento” (MOREIRA, p. 90, 2011). Trata-se de uma pesquisa qualitativa que visa avaliar a qualidade da prática educativa do professor frente a sua prática pedagógica.

O objetivo geral que se espera alcançar no decorrer deste trabalho é, sensibilizar os alunos à leitura literária dentro da escola pública através da leitura de

obras de autores locais, proporcionando a eles momentos significativos de contato com o texto literário e o encontro e diálogo com o autor.

Como objetivos específicos destacam-se:

- Contribuir para o aprimoramento da docência a partir da reflexão sobre a própria prática;
- Analisar a aplicação de uma unidade de aprendizagem que possibilite a reflexão e a elaboração de material didático para um trabalho efetivo com a leitura literária em sala de aula;
- Estimular uma reflexão que o faça perceber a necessidade de realizar intervenções pedagógicas voltadas ao incentivo da leitura literária na escola;
- Conceber o estudante como um protagonista de suas leituras, sendo capaz de refletir sobre o texto lido e trocar experiências com seus colegas, professor e autor;
- Possibilitar reflexões capazes de promover a articulação entre teoria e prática nos movimentos de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa;

Para o embasamento teórico, busca-se subsídios em pressupostos de abordagem humanizadora de Freire (FREIRE, 1986 e LAJOLO, 2006). Também complementam essa reflexão teórica as contribuições dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e Referenciais Curriculares - Lições do Rio Grande (RCLRG, 2009), além de Jobim (2009) e Traversini e Bello (2008). Contribui também para a pesquisa desenvolvida os conceitos sobre leitura literária e escola de Zilberman (2009) e de Letramento Literário de Cosson (2007). Quanto à metodologia, o enfoque é qualitativo e os procedimentos envolvem: diagnóstico (a partir de diário reflexivo, aplicação de atividades diagnósticas, gravação em vídeo das aulas e análise dessas práticas) e proposta de uma unidade de aprendizagem, como intervenção pedagógica e contribuição para os estudantes e professores aprimorarem-se no que diz respeito ao incentivo à leitura literária e formação do leitor literário.

Esta dissertação é composta, inicialmente, por um capítulo de fundamentação teórica, que se divide em subcapítulos, os quais mencionam temas como Literatura e Escola, A importância do ato de ler, Letramento literário, Metodologias de ensino e práticas docentes e o Professor mediador. Na sequência, é apresentada a análise e discussão dos resultados bem como a descrição detalhada da prática e, por fim, as

considerações finais feitas com relação à pesquisa desenvolvida, principalmente, ao diagnóstico e à implantação da unidade de aprendizagem e sua contribuição para melhorar e aperfeiçoar os recursos didáticos pedagógicos dos professores e significar o ensino-aprendizagem dos estudantes, no que diz respeito ao incentivo à leitura literária na escola.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir de cinco eixos temáticos: o primeiro é “LITERATURA E ESCOLA”, no qual discutimos o que nos trazem os Documentos Oficiais que regulamentam a educação, PCN(1998) e Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (2009).

O segundo eixo é “DA LEITURA DA PALAVRA PARA A LEITURA DE MUNDO” em que dialogamos através dos conceitos humanizadores de Freire (1986) e Lajolo (2006) bem como sobre a importância da leitura literária na escola através das leituras de Zilberman (2009) e Traversini e Bello (2008).

No terceiro eixo, “LETRAMENTO LITERÁRIO”, refletimos sobre a necessidade de formar leitores literários na escola, a partir do que nos diz Cosson (2007), Cosson e Paulino (2009), Cosson (2015) e Magnani (2001).

“CÍRCULOS DE LEITURA E DE CULTURA” é o quarto eixo e está destinado a dialogar sobre a importância de práticas de leitura na escola e suas mudanças através do tempo, a partir dos estudos de Cosson (2014) e Chartier (1998).

O último e quinto eixo temático chamado “O PAPEL DO PROFESSOR-LEITOR/MEDIADOR”, dialoga com Kleiman (1993), Matencio (1994), Soares (1996), Maia (2007), Silva (1991), Bragatto Filho (1995) e Silva (2009) sobre a importância do professor exercer em sala de aula o papel de incentivador das atividades propostas aos estudantes.

2.1 Literatura e Escola

Para entender melhor como se configura a formação de leitores críticos na escola, é necessário apresentar algumas concepções de estudiosos que tratam do assunto e os documentos oficiais que regulamentam a educação no país.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) revelam que a preocupação com o ensino de Língua Portuguesa vem sendo discutida desde a década de 70. Segundo o documento, "O eixo dessa discussão no Ensino Fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar..." (PCN, 1998, p.17), que ocasiona a repetência dos alunos principalmente nas séries finais do Ensino Fundamental.

Entre as décadas de 60 e 70, surgiram propostas de reformulação do ensino de Português com o intuito de sanar essa defasagem no ensino, caracterizada pela repetição de séries acarretada pela dificuldade de muitos alunos em ler e escrever. Porém, somente na década de 80 se estabeleceria mais concretamente uma crítica consistente para a mudança do ensino massificador de gramática, para um ensino mais libertador, que levasse o estudante a formar-se um cidadão crítico.

Com relação ao trabalho com texto literário em sala de aula,

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (PCN, 1998, p.27)

O documento deixa claro que é de suma importância o aluno ter contato com a literatura, pois ela apresenta as mais diversas particularidades da linguagem, entretanto ressalta que a mesma não deve ser usada como "pretexto" para o ensino da gramática, mas sim para que se formem leitores críticos, com a capacidade de refletir sobre as sutilezas de um texto literário.

Compreendendo por experiência literária o contato efetivo e significativo com o texto, é indispensável o constante exercício de leitura literária, principalmente na escola e também fora do ambiente escolar. Somente dessa forma o aluno torna-se capaz de produzir uma troca de significados leitor-texto, que possibilite ao educando

a formação de um leitor crítico, a ampliação de horizontes de conhecimento, o questionamento e a reflexão. Por isso a posição de leitor é tão importante. É através dela (e somente dela) que se torna possível ter diferentes interpretações de um mesmo texto. Quando há um compartilhamento de impressões sobre determinado texto - e a escola deveria dar aos alunos oportunidades como essa - é possível manifestar nossa opinião sobre diversos aspectos do texto.

Com relação à formação de leitores na escola, fica o questionamento: E a escola, que leitor está formando? Evidentemente, como pessoas comprometidas com a educação, pensamos que cabe à escola a formação de leitores críticos, e, segundo os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul,

Leitura é interação: o ato de ler implica diálogo entre sujeitos históricos. Desse modo, as atividades de leitura, desde as primeiras etapas escolares, visam ao desenvolvimento de competências que permitam compreender que todo texto tem um autor e, como tal, é a manifestação de um ponto de vista, a partir de um determinado contexto histórico e concreto. (REFERENCIAIS CURRICULARES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: ..., 2009, p.55)

Para fazer com que o aluno tenha interesse e compreenda a linguagem literária, é preciso que haja uma gradação textual, ou seja, primeiramente apresentar ao aluno o que for de certa forma, mais acessível e próximo da sua realidade, para depois, gradativamente, chegar ao mais complexo e distante. É necessário “preparar o terreno”, com narrativas familiares à experiência do aluno, para posteriormente, já com motivação a ler, chegar a Machado de Assis, por exemplo. É de suma importância que a preparação do leitor aconteça na e pela escola.

É a partir dessa concepção de formação de leitores que é direcionada esta pesquisa, que acredita na possibilidade de dar início à formação literária dos alunos, através de textos que tenham uma linguagem mais branda. É nesse sentido que é apresentada a literatura de autores locais como uma possível leitura para o início do letramento literário, especialmente em regiões distantes dos grandes centros urbanos como esta de Bagé.

Com relação à formação de leitores críticos na escola, o caso é preocupante. Predominam atividades de metaleitura que desconsideram a leitura e privilegiam estudos do texto, mesmo que sua leitura não tenha ocorrido. A escola sobrecarrega os alunos de informações históricas, características de estilos, épocas e acabam

deixando em segundo plano a leitura do texto literário ou simplesmente ignorando-a. Segundo os referenciais curriculares,

Especialmente, o professor, em sua prática pedagógica, deve opor-se à concepção de que é preciso primeiro explorar palavras e frases isoladas, para então poder chegar a textos complexos, ou ainda, de que o trabalho sobre o texto se faz sobre suas estruturas gramaticais, tomadas isoladamente, ou sobre seu vocabulário, retirado do texto e discutido fora de contexto, especialmente para análise e classificação. (REFERENCIAIS CURRICULARES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL:..., 2009, p.56)

Ao final, quando contabilizamos os resultados das atividades de metaleitura para a formação de leitores, vemos que tais atividades não ajudam os jovens a interessar-se pela leitura, elas apenas provocam uma reflexão sobre a história das obras e sua estrutura. Quando os alunos ainda estão em fase de formação literária, como é o caso do Ensino Fundamental, é muito difícil fazer com que se interessem por atividades de metaleitura, isso porque, se não lêem os textos, esse tipo de atividade torna-se inútil, gerando desinteresse tanto por esse modelo de estudo quanto pela leitura.

Ainda com relação à prática escolar, é necessário urgentemente motivar os alunos a leituras que tenham para eles uma finalidade humanizadora, e não necessariamente escolar, possibilitando a eles que se reconheça como leitor e que sinta prazer em executar esse papel, que encontre no ambiente escolar espaço para compartilhar com colegas e professores suas opiniões e impressões de leitura, tornando prazerosa a prática de leitura, evitando que esse aluno leia somente por obrigação.

Um autor que se preocupa com a questão da leitura em sala de aula é Jobim, a partir do artigo intitulado “A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar”. Neste estudo ele afirma que é por meio da leitura literária que o aluno pode ter acesso ao texto como “instrumento privilegiado de modelização do uso escrito da língua, instrumento que pode ajudá-lo desenvolver-se, ele próprio, como um melhor produtor textual, a partir do aumento de seu acervo de experiências textuais.” (JOBIM, 2009, p.114-115). De acordo com o autor, a sensação de entrar em um universo diferente, em que tudo é “mais bem falado”, só acontece se o texto escolhido para a aula contiver uma linguagem radicalmente diferente daquela do aluno. Porém, é comum o aluno concluir que tudo é muito difícil e chato, o que

acaba por gerar quase que uma relação, em que tudo que é “mais bem falado” é difícil de entender.

Para fazermos com que o aluno tenha interesse e compreenda a linguagem literária, é necessário que seja feita uma “gradação Textual”, em que primeiramente apresentamos o que for mais fácil e próximo da sua realidade, para depois, gradativamente, chegarmos aos mais distante e difícil. Para ser feita essa “gradação textual”, Jobim sugere que trabalhemos com as próprias expectativas do nosso público, selecionando textos que estejam mais próximos da linguagem e dos assuntos que os jovens reconhecem, selecionando temas que pertençam ao seu universo de interesse.

Segundo o autor,

Não é o caso de excluir Oswald, porque é ‘difícil’. Não se trata disso: o ideal é preparar o terreno” com narrativas de tipo mais próximo á experiência do aluno, para depois, criada a motivação pela leitura, chegar a Oswald. Em outras palavras: partir do mais ‘fácil’ para chegar ao mais ‘difícil’. (JOBIM, 2009, p. 118)

Acredita-se que a exposição a outras formas de escritas que não a do próprio aluno pode ser um ganho, porém, por mais próximos que estejam os textos literários da vivência do aluno, dificilmente ele corresponderá ao universo linguístico e de expectativa do leitor. Além de possibilitar uma visão da diferença entre o oral e o escrito, amplia seu repertório textual, incluindo a ele novos gêneros e modos de escrever, proporcionando ao educando o contato com uma modalidade de escrita diversa da que está habituado a lidar, afinal, esta exposição a outros gêneros e formas lingüísticas conscientiza o aluno de que existem outras modalidades de uso da língua além da sua.

Dessa forma, o texto literário tem um papel fundamental na escola, a partir dele o aluno conhece novas palavras, tomando consciência ao mesmo tempo de seu contexto semântico-pragmático e histórico; realça aos seus olhos a morfossintaxe da nossa língua, assim como permite ao aluno reconhecer as variações linguísticas entre a linguagem escrita e oral. Uma interessante proposta para o ensino de literatura no Ensino Médio seria possibilitar ao aluno uma reflexão sobre sua vida e o contexto em que está inserido, através da leitura, problematização e discussão de temas que lhes sejam relevantes.

De acordo com Jobim, um dos primeiros problemas com o qual o professor se depara é fazer a seguinte determinação: quais temas seriam interessantes aos meus alunos?

O público estudantil varia de região para região do país; em cada região, de município a município; em cada município, de bairro para bairro; em cada bairro, de local para local. O tema “a trajetória existencial dos imigrantes, tangidos pela seca” abordado em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, certamente terá a repercussão diferente numa sala de aula nordestina ou carioca, recifense ou sertaneja, e assim por diante. É tarefa do professor, a partir do conhecimento do corpo discente sob sua responsabilidade, detectar temas passíveis de serem trabalhados em classe. (JOBIM, 2009, p. 122)

2.2 Da leitura da palavra, para a leitura do mundo

A importância da leitura tem sido tema recorrente entre estudiosos do tema, e um autor que retrata muito bem sua preocupação e pesquisa na área é Freire, que em seu livro intitulado “A importância do ato de ler em três artigos que se completam” explora a importância do ato de ler. O autor relata que “o ato de ler” não se limita em decifrar somente a linguagem escrita, mas que vai muito além, em que é possível fazer a leitura do mundo. Segundo ele, a primeira leitura que realizamos ultrapassa a da escrita, pois nossa primeira referência, quando ainda muito pequenos, é o contexto em que vivemos; nossos pais, familiares, nossa casa. De acordo com o pesquisador

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe [...]. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (FREIRE, 1986, p.13)

Segundo o autor, dessa forma, a criança passa naturalmente da leitura do mundo, para a leitura da Palavra. Por isso ele acredita que os professores não devem insistir incessantemente para que os alunos leiam inúmeros livros por semestre, pois é uma compreensão errônea do significado do ato de ler, chamada por ele de “visão mágica da palavra escrita”. O importante da leitura é a qualidade que se tem ao ler, e isso medimos através da compreensão que temos do texto lido,

e não do número de páginas que lemos, pois como ele mesmo reflete em seu livro, “...um dos documentos filosóficos mais importantes de que dispomos, *As Teses Sobre Feuerbach*, de Marx, tem apenas duas páginas e meia...”(FREIRE,1986, p.19).

A leitura do mundo não pode acabar assim que a leitura da palavra passa a fazer parte do cotidiano do leitor, pois o texto literário só será inteiramente compreendido e interpretado se for possível fazer o movimento de voltar à sua leitura de mundo para interpretar a leitura da palavra. Ou seja, cada vez que nos reportamos a nossa leitura de mundo, reescrevemos, transformamos nossa interpretação do texto através de nossa prática de leitura, como revela Freire:

Refiro-me que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1986, p.22)

A realidade encontrada nas escolas públicas, com relação a leitura, é preocupante, pois os estudantes apresentam um frágil repertório de leitura, o que dificulta ainda mais o seu interesse pela leitura. Isso acaba ocorrendo pela forma com que a leitura literária é tratada na escola. Acredita-se que para formar cidadãos democráticos seja necessário trabalhar em aula única e exclusivamente com textos jornalísticos para que esse sujeito seja capaz de ler jornais, de assinar contratos, ler anúncios, procurar emprego, mas a leitura literária também é fundamental para isso. Nessa perspectiva, Marisa Lajolo no livro “Do mundo da leitura para a leitura do mundo” nos diz que a leitura literária é fundamental no currículo escolar, pois para que o sujeito possa exercer plenamente sua cidadania é preciso apoiar-se na linguagem literária.

De acordo com a autora é a partir da leitura literária que conseguimos obter os mais variados imaginários e significados bem como ter a sensibilidade de reconhecer valores e comportamentos de uma sociedade. Segundo Lajolo a literatura é muito importante, pois para o cidadão “*exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro, mas porque*

precisa ler muitos” É dessa forma que cada leitor, levando em consideração o que vivenciou, vai misturando e (re)significando suas leituras. Assim voltamos a um ponto que Freire já nos disse, que é a leitura da palavra sendo contextualizada pela leitura do mundo. Para Lajolo,

Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, esse foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las ou recusá-las, e capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto. Em resumo, o significado de um novo texto afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros. (LAJOLO, p. 106, 107, 2006)

Para que o aluno possa chegar ao nível de leitor maduro, é necessário que seu repertório de leituras seja vasto e para isso é necessário criar o gosto, o hábito, que segundo Lajolo se assemelha a qualquer hábito de higiene ou de alimentação, pois ele deve ser repetido sagradamente todos os dias, semanas, meses. No entanto para que isso ocorra é necessário que os professores que mais diretamente são responsáveis pela leitura em sala de aula sejam de fato leitores. Este deve estar envolvido com a leitura e apreciar o que lê. Infelizmente não é a realidade da maioria desses profissionais. Simplesmente jogam a responsabilidade da leitura para os estudantes sendo que estes não têm nenhum incentivo por parte dos seus professores, visto que transparecem aos estudantes sua falta de interesse pela leitura.

Ao posicionar-se como um educador engajado com a formação do seu aluno é necessário rever e refletir sobre sua prática, para ter a certeza se o que leva para a sala de aula condiz com o ensino-aprendizagem que deseja. Não existe aprendizado sem motivação, pois um estudante que não vê seu professor como um leitor não se sentirá motivado a ler. Portanto, é necessário que os professores construam um bom repertório de leituras para que possa indicá-los aos seus educandos. Todavia a realidade encontrada é de professores desinteressados pela leitura e quando fazem alguma leitura apresentam uma “pobreza de repertório” (idem, p. 108)

Quando falamos em criar o hábito, em ter o gosto pela leitura, isso também reflete a forma com que o professor costuma apresentar a leitura literária em sala de aula. Segundo Lajolo a escola precisa ter um espaço maior possível de liberdade

para a leitura. A leitura só é livre se houver o respeito nos momentos de iniciação de envolvimento do estudante com os livros literários. Forçar a todos da turma ler o mesmo livro pode fazer com que o jovem se sinta ainda mais desmotivado a ler, pois isso engessa as possibilidades de interesses do educando. Assim, a pesquisadora nos diz que

É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daqueles alunos, ou que se trata de um tema que interessa aquele tipo de criança: a relação entre livro e faixas etárias, entre faixas etárias, interesses e habilidades de leitura é bem mais relativa do que fazem crer pedagogias e *marketing*. (LAJOLO, 2006, p. 108-109)

Dentro da problemática, uma autora que estuda o fenômeno da leitura e literatura na escola é Zilberman. No artigo, “A escola e a leitura da literatura”, a autora nos afirma que “[...] a escola é um elemento de transformação que não pode ser negligenciado. E este fator relaciona-se especialmente com a leitura [...] (ZILBERMAN, 2009, p. 26). Por isso, seja no coletivo ou no individual, conquistar a habilidade de leitura é também conquistar a liberdade para assimilar os valores da sociedade, por isso o ingresso do aluno ao universo da leitura deve ser através de textos que façam sentido a ele, que tenham relação com o seu contexto de vida escolar e pessoal, ou então, o ato de ler será meramente um pretexto para outros tipos de atividades em aula que não leva o aluno à reflexão.

O ato de ler deve coincidir com a aquisição de um hábito em que o aluno deve adquirir a partir da busca freqüente por leitura. Porém chegamos a outro obstáculo: ler o quê? Para isso é necessário que entendamos a leitura como um “procedimento de apropriação da realidade” (ZILBERMAN, 2009, p.30) em que o aluno possa, mesmo que em um contexto distinto ao que o livro expõe, fazer relação das histórias descritas em obras literárias com situações vividas também no espaço em que vive.

De acordo com a autora, a realidade falada e lida é uma manifestação pura e fundamentalmente verbal, sendo que, dentre as mais variadas formas de expressão, a língua é a que contém, em sua forma mais completa e complexa, o produto desse contato com o real. Sendo assim, uma obra de ficção que representa simbolicamente o mundo que se deseja conhecer nunca se revela de forma

completa e fechada. Sua estrutura, que é marcada por vazios, situações propostas inacabadas, pedem a intervenção de um leitor que, ao preencher esses vazios, dá vida ao universo criado pelo escritor. Além disso, ainda como executor dos preenchimentos de lacunas, que é particular de cada leitor, ele pode incluir a elas suas vivências e imaginação.

A autora afirma ainda que “a proposta de que a leitura seja enfatizada na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando, sobretudo, a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção.” (ZILBERMAN, 2009, p. 35). Dessa forma, recorrer à literatura implicaria um novo pacto entre estudantes, texto e professor, estimulando uma vivência única com a obra e objetivando o crescimento pessoal e intelectual do leitor sem cobranças. Essa leitura aponta para uma forma de visualizar o tempo e o espaço que transcende a sua função escolar. Sendo assim, Zilberman conclui que:

Se é a literatura de ficção, na sua globalidade, que deflagra a experiência mais ampla de leitura, sua presença no âmbito do ensino provoca transformações radicais que, por isso mesmo, são imprescindíveis. Além disso, ela é a condição de o ensino tornar-se mais satisfatório para seus principais interessados, a saber, os sujeitos que transitam pela sala de aula, sejam professores sejam alunos. E de a escola renovar-se, ainda quando resgatar sua função original, que é dar acesso à ação de ler, para efetivar a revolução duradoura no bojo da qual se popularizou. (ZILBERMAN, 2009, p. 36)

Com relação à temática do compromisso que deve ter o ensino básico com seus alunos, Clarice Traversini e Samuel Bello, discutem o assunto no artigo “Leitura, escrita e oralidade como *experiência* no Ensino Médio: o que as metodologias de ensino têm a ver com isso?”. Esse estudo têm o objetivo de discutir como as metodologias de ensino e práticas curriculares do Ensino Médio podem provocar transformações em professores e alunos, assim como as práticas realizadas no Ensino Fundamental, se desenvolvidas através da experiência de leitura e escrita. De acordo com os autores, essas reflexões sobre prática e emancipação têm comprometido a escola com a formação de sujeitos críticos e transformadores. Questões como essas devem ser compromisso de educadores e futuros educadores. Porém, esses ideais têm nos pregado armadilhas na busca incansável pelo que devam ser os efeitos ideais e desejados em sala de aula. Para que pensemos, os autores nos sugerem tal questionamento: “como nós professores poderíamos (re)significar as práticas de leitura e escrita presentes hoje na escola”?

Para que possamos responder, eles nos sugerem que refletimos o sentido da palavra experiência. Utilizando-se da teoria de Larroza, eles explicam que experiência quer dizer “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Nesse sentido,

...aprender poderá depender das atividades propostas pelo professor para ensinar, mas isso só não basta. Para que o processo de ensino ministrado pelo professor transforme-se em “aprendizagem” para o aluno, o que se diga, se escreva ou se leia sobre, precisará ser subjetivado, trazido para si, e isso só poderá acontecer se tornarmos a atividade uma experiência, um sentido atribuído pelo aluno àquele acontecimento, um exercício de pensamento, e não apenas informá-los com nossas verdades ou aquelas verdades disciplinares que ensinamos. (TRAVERSINI; BELLO, 2008, p.51)

De acordo com os autores, é nesse processo desenvolvido através da experiência que é possível a escola transformar-se em um espaço importante para aprendizagem, para a constituição de saberes, pois quando aprendemos pela experiência vivida reconstituímos e transformamos nossas subjetividades. Dessa forma, as práticas de leitura e escrita produzidas através das metodologias de ensino e desenvolvidas nas práticas curriculares podem ser consideradas como “instrumentos pedagógicos que constituem subjetividades,” (TRAVERSINI; BELLO, 2008, p.52) de alunos e professores.

Acreditando que as metodologias no ensino do Ensino Fundamental e Médio devem ter como objetivo a promoção de exercícios de pensamento crítico por meio da leitura, escrita e oralidade, é importante questionar a forma com que a leitura e a escrita estão sendo significadas na escola. Observamos com grande frequência que as práticas curriculares da escola estão totalmente voltadas para a reprodução do conteúdo escolar, enquanto a formação do sujeito volta-se para o acúmulo de informações o que não é ideal para a formação do leitor crítico. Para que ocorra uma mudança considerável nesse quadro, é necessário saber como desenvolver propostas pedagógicas de leitura e escrita com o exercício do pensamento crítico em que a finalidade não seja apenas a de ocupar o tempo.

Conforme explica Traversini e Bello, “..é necessário pensar em outras “verdades” que possibilitem a constituição de um sujeito em consonância com o nosso tempo histórico contemporâneo” (TRAVERSINI; BELLO, 2008, p.57). É importante ver que tanto a leitura quanto a escrita são experiências que podem fazer com que sujeitos se constituam de acordo com o nosso momento histórico,

reconhecendo-o, desconstruindo-o e reinterpretando-o através de seu pensamento crítico. A idéia é que seja um recomeço, em que o principal desafio em sala de aula seja que as novas propostas pedagógicas/estratégicas, envolvendo atividades de leitura e escrita, permitam o exercício do pensamento crítico sobre os temas abordados nas obras propostas para a leitura e não apenas para ocupar o tempo. Ou seja, pensar em metodologias que privilegiam um melhor desenvolvimento curricular, significa pensar em aulas que estejam ligadas intimamente à experiência com a leitura.

2.3 Letramento Literário

Parafraseando Cosson e Paulino, a leitura de obras literárias cumpre um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano, tanto no sentido de favorecer o trato com a escrita quanto no de refletir sobre os sentimentos e favorecer o entendimento das relações sociais, e está na base das preocupações e iniciativas. A prática da literatura, seja através da escrita, seja através da leitura, consiste em explorar as potencialidades da linguagem, o que ocorre em poucas atividades humanas. É dessa forma que se pode afirmar que o letramento literário é uma prática fundamental para a constituição do sujeito, pois é no exercício da leitura e escrita que nos é revelada a arbitrariedade dos discursos impostos pela normatização da sociedade letrada, construindo um modo autêntico de se fazer dono da linguagem que, ao ser de um é também de todos.

No livro “Letramento Literário”, Cosson diz que “a literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas (COSSON, 2007, p. 17) e é assim que funciona o texto literário em relação aos conhecimentos que guarda cada escritura. Através da leitura do texto literário é possível descobrir a identidade de cada sujeito e entender o contexto em que está inserido, pois ao desenvolver a literatura é possível ser outros, viver como outros e ainda assim ser nós mesmos. Conforme Cosson

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras, cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da escolarização [...] (COSSON, 2007, p. 17)

No capítulo “A literatura escolarizada” Cosson relata alguns questionamentos levantados durante algumas aulas ministradas no curso de pedagogia e de um encontro com alunos de pós-graduação da área de Letras. Neste estudo ele revela o posicionamento de um aluno em que questiona a presença da literatura no Ensino Médio, justificando que os professores, em sua maioria, ensinavam apenas os períodos literários e suas características, nome de autores e obras em uma sequência que, tranquilamente, poderia ser abordada nas aulas de história. Em outro momento, uma professora do ensino fundamental relata que antigamente usava textos literários para ensinar a ler, mas que agora apenas usava jornais, pois eram mais fáceis dos alunos adquirirem. Por fim relata o comentário de um aluno de pós-graduação que diz que hoje as imagens são muito mais importantes do que a literatura com seus poemas e romances, devendo ser substituída por filmes e telenovelas ou outros artefatos mais interessantes e significativos culturalmente.

Todas essas questões deixam clara a, nada pacífica, relação entre educação e literatura, aliás, estas revelam que o lugar da literatura na escola parece enfrentar um dos seus piores momentos. No ensino fundamental, ainda é predominante o exercício de interpretação textual através dos textos trazidos pelo livro didático, usualmente feito a partir de excertos e atividades extraclasse baseadas em resumos de textos, fichas de leitura e debates em sala de aula, cujo único objetivo é recontar a história lida. Diante de qualquer das situações apresentadas, “[...] estamos diante da falência do ensino da literatura” (COSSON, 2007, p. 23), pois esta não está conseguindo cumprir sua função essencial que é a de construção e reconstrução da palavra humanizadora. Isso acontece, pois não existe um objetivo de ensino, visto que os que se prendem a programas curriculares trabalhados a partir da história da literatura precisam compreender que, mais do que transmitir um conhecimento literário, o aluno precisa estar exposto a experiências de leituras a serem compartilhadas.

No entanto, aqueles que acreditam que a leitura de qualquer texto basta, é importante que tenham a percepção que essa experiência deve ser ampliada com informações específicas do campo literário e até fora dele. Portanto é necessário que os professores permitam que

[...] a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige. Nesse caso é fundamental que se coloque no centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária. Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos de formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel fundamental a cumprir no âmbito escolar. (COSSON, 2007, p. 23)

Diante disso é muito importante compreender que o letramento literário é uma prática social e assim é responsabilidade da escola desenvolver. A questão a ser refletida não é sobre o dever ou não de escolarizar a literatura, mas como escolarizá-la sem que perca suas características essenciais, transformando-a em uma simulação dela mesma em que mascara o seu grande poder humanizador. Para tanto é necessário fazer uma seleção criteriosa dos textos a serem trabalhados, uma vez que estes deverão ser de interesse do aluno e contemplar o seu nível de leitura.

Na escola, alguns fatores são muito importantes para contemplar a seleção dos livros literários. O primeiro refere-se aos programas que definem esta seleção baseados nos fins educacionais, que vai desde a simples fluência da leitura que ocorre geralmente nas séries iniciais do ensino fundamental chegando a conhecer a cultura nacional e internacional no ensino médio. O segundo traz a separação dos leitores por ano escolar ou faixa etária, como que determinando um tipo diferente de linguagem para cada etapa escolar; o terceiro trata das condições de leitura literária oferecidas pela escola, uma vez que em muitas instituições a biblioteca, quando existe, é transformada em um depósito de livros didáticos, não dispõem de funcionários capacitados para incentivar a leitura nem mesmo organizar o espaço, que por vezes apresenta coleções muito reduzidas e antigas, podendo ser confundidas com obras raras. O quarto e mais importante fator é a transformação do professor em um mediador, para isso é de suma importância que este seja um leitor de fato, pois as leituras que ele fez ou faz é que vão impulsionar a motivação dos estudantes.

Acredita-se que a leitura literária na escola deve ser democrática, não deixando de lado o cânone ou a literatura contemporânea, mas sim respeitando o nível de leitura apresentado pelos estudantes e refletindo os princípios da sociedade que qual ela faz parte. O letramento literário sempre trabalhará com o que é atual,

sendo ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que vai gerar o interesse pela leitura nos alunos. Ao realizar a seleção dos textos, o professor não poderá desprezar o cânone, pois nele há uma herança cultural da humanidade e nem apoiar-se somente nos textos contemporâneos, mas sim na atualidade que esses textos trazem. Segundo Cosson “É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimentos singulares” (COSSON, 2007, p. 36)

No artigo “Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola”, Cosson e Paulino voltam a caracterizar o letramento literário como “[...] um conjunto de práticas sociais’ que podem ser inferidas dos eventos que são mediados por textos escritos” (BARTON; HAMILTON *apud* COSSON; PAULINO, 2009, p. 65)

De acordo com os autores, é possível definir letramento literário como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (COSSON; PAULINO, 2009, p.67). Com isso, convém dizer que, em primeiro lugar ao considerar o letramento literário como um processo, significa compreendê-lo como um permanente estado de transformação, ou seja, que tem uma continuidade, não podemos visualizá-lo somente como uma habilidade que se aprende assim como se aprende a dirigir, a nadar, ou como se aprende uma regra importante da matemática.

O letramento literário não tem início e fim na escola, é uma aprendizagem de toda a vida que se renova a cada leitura. Sendo assim, trata-se de encarar a literatura não apenas como uma coleção de textos, e sim como um “repertório cultural” que proporciona ao aluno uma forma singular de construção do sentido. Segundo eles, na escola, este letramento deve ter por objetivo a formação de um sujeito da linguagem capaz de produzir textos e de interagir com a literatura. Este sujeito deve também apropriar-se da literatura como instrumento de auxílio na construção literária de sentido, constituindo um letramento literário dentro e fora da escola.

Sabemos que há uma variedade de letramentos quando pensamos no processo de construção dos sentidos, entendendo que é um processo social capaz de capacitar indivíduos de se engajar no “seu mundo” ampliando sua capacidade de influenciá-lo. Porém, de acordo com os autores, o letramento literário é de uma tal singularidade que se efetiva através de dois essenciais procedimentos:

O primeiro deles é a interação verbal intensa que a apropriação da literatura demanda. A leitura e a escrita do texto literário operam em um mundo feito especialmente de palavras, e por essa razão, uma integração mais profunda com o universo da linguagem se torna necessária. Ler e escrever literatura é uma experiência de imersão, um desligamento do mundo para recriá-lo ou, antes, uma incorporação do texto semelhante ao ato de se alimentar, [...]. O segundo procedimento, que se efetiva dentro do primeiro e dele não se pode ser dissociado, é o (re)conhecimento do outro e do movimento de desconstrução/construção do mundo que se faz pela experiência de literatura em semelhança ao que Miall e Kuiken localizaram como “transformações reinterpretaivas”, ainda que consideremos que, afora as transformações, contam também as negociações, as adesões e outros processos de interação cultural (COSSON; PAULINO, 2009, p.68).

É dessa forma que a literatura permite que o sujeito viva e identifique o “outro” através da e na linguagem, podendo assim incorporar a experiência do “outro” pelo texto, tornando a leitura um espaço privilegiado de construção de sua identidade. A experiência da leitura literária também amplia e fortalece tal processo ao oferecer ao leitor infinitas possibilidades de ser o outro e ao mesmo tempo ser nós mesmos. Por isso é muito importante que os primeiros contatos do aluno com o texto literário aconteçam de forma desejada, através de textos que façam sentido a esse leitor, trazendo uma linguagem próxima a de seu meio e que através das palavras, possa recriar situações vividas pelos personagens das obras, mesmo que passadas em um tempo e espaço distantes do seu.

A experiência da leitura literária pode, de forma diferenciada e singular, dar sentido a nossa vida e ao mundo que nos rodeia, e, por isso o contato de sujeitos que estão em fase de formação educacional e intelectual com a literatura é tão importante. Por esse motivo, o letramento literário deve ser concebido como um “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (COSSON; PAULINO, 2009, p. 70). Portanto, para que ocorra o letramento literário, o aluno deve ter um contato constante e efetivo com o texto literário, sendo tarefa do professor promover momentos para isso, além de a escola oferecer biblioteca, ou pelo menos um espaço na sala de aula onde os alunos possam manusear e escolher obras para sua leitura.

A formação do leitor literário envolve além dos elementos já citados, a diversidade como um princípio que norteia critérios de seleção e de utilização dos textos, o que faz com que o trabalho com a leitura literária leve em consideração a

luta do jovem para transcender a si mesmo rumo a um progresso que nunca se finda em busca de uma vitória a cada novo obstáculo, como repensar a formação do leitor literário através de uma superação crítica e histórica do gosto pela literatura.

De acordo com Maria Rosário Magnani, no capítulo “A formação do gosto: o possível-crível” do livro Leitura, literatura e escola: A formação do gosto, a escola está bitolada a trabalhar com textos considerados canônicos e que, por muitas vezes, criam no estudante uma sensação de impotência frente a tal texto, pois ele se sente inferior principalmente em relação à linguagem utilizada pelos autores dessas obras. Frente a essa situação, a escola deve tentar driblar essa trivialização, procurando na diversidade de enredos, procedimentos narrativos, gêneros, linguagens, autores e métodos, romper com a limitação desse aluno, proporcionando a busca por significados e ampliação de seus horizontes.

Apesar da anunciada preocupação com a formação do leitor literário pela escola envolver, além do que já foi citado, um consenso político e muitas vezes conservador e neutralizador das pressões sociais, nós, professores e futuros professores precisamos acreditar na força transformadora da leitura literária. Não podemos nos omitir enquanto educadores e deixar de assumir o papel que historicamente nos cabe: formar qualitativamente o gosto pela leitura literária.

A mediação e prática de leitura na escola é uma questão muito importante que vem sendo discutida com seriedade por alguns pesquisadores. Rildo Cosson no artigo “A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino?” discute a realidade do cenário atual da leitura literária na escola e o papel do professor em relação à leitura literária. Segundo ele, “Durante muito tempo, a leitura de obras literárias era um pressuposto básico da formação do leitor.”(COSSON, p.164, 2015). Todavia, hoje as disciplinas de português e literatura dedicam-se somente à leitura de trechos de obras ou outros gêneros trazidos pelos livros didáticos, reduzindo o espaço destinado a leitura literária das aulas de português.

No entanto, mesmo com o espaço reduzido, a leitura literária permaneceu no currículo escolar dentro de duas atividades, denominadas por Cosson como leitura ilustrada e leitura aplicada, em que a primeira está voltada para o prazer e deleite com o objetivo de introduzir a criança no mundo escrito, nos primeiros anos escolares. A segunda, desenvolvida nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, dedica-se aos exercícios de compreensão e interpretação de texto com

trechos de obras literárias, com o objetivo de alcançar o êxito na competência de leitura e escrita, o que leva a um fracasso nacional no ensino de língua materna.

Frente a isso, as exigências de que os professores e gestores de escolas repensem nas suas práticas são urgentes. Formar leitores literários não depende somente de leituras fragmentadas e direcionadas por professores, vai muito além disso, a formação do leitor “passa necessariamente pela fruição do texto literário como uma das atividades centrais na criação e manutenção do hábito e gosto pela leitura.” (COSSON, p. 165, 2015). Diante disso, o papel do professor deve ser o de mediar a leitura ou de ensinar? Ao professor optar por atividades mediadoras,

Nessas atividades de mediação, o professor deve guiar-se por princípios que envolvem diversidade, sensibilidade, valorização da experiência e da contemplação, afetividade e fortalecimento da autoestima para possibilitar ao aluno o desenvolvimento de suas potencialidades (TÉBAR, 2011). Mais especificamente, o mediador da leitura literária precisa “fomentar hábitos lectores estables, orientar la lectura tanto escolar como extraescolar, coordinar y facilitar la selección de lecturas por edades y preparar, desarrollar y evaluar la animación lectora” (RECHOU, 2012, p. 363). Esse papel de mediador ou mais propriamente dito de animador não apenas coloca o aluno em primeiro plano, como também parece deixar de lado o lugar do professor como responsável pelo ensino na escola. (COSSON, 2015, p. 166)

Sendo o professor um mediador ele deve guiar os passos dos alunos sem ofuscar a autonomia dos mesmos. Porém para que isso aconteça é de suma importância que o professor tenha seu repertório de leituras, ou seja, que efetivamente seja leitor literário, pois só dessa forma o educador conseguirá alcançar êxito como formador de leitor. Entretanto, o ensinar também não pode deixar de existir e para que a escola desenvolva um ensino significativo da leitura literária, esta deve cumprir alguns requisitos importantes, como dispor de uma biblioteca que atenda as expectativas dos alunos, professores leitores que tenham uma fundamentação teórica e metodológica significativa, projetos de ensino que valorizem a leitura literária e o mais importante, que professor e aluno tenham uma boa interação.

Ainda de acordo com o autor, a leitura literária encarada pela escola não pode ter somente o caráter de ensinar, como qualquer outro conteúdo sobre literatura, ou como uma simples atividade de lazer. Não podemos dissociar o professor que ensina do que media, pois segundo Cosson,

A leitura literária na escola, portanto, precisa ter objetivos e práticas pedagógicas bem definidos que não devem ser confundidos simplesmente com o ensinar um conteúdo sobre a literatura, nem com uma simples atividade de lazer. Assim como é preciso superar a dicotomia da divisão entre leitura ilustrada e leitura aplicada em favor da presença de ambas na formação do leitor, também é preciso que se supere a oposição entre ensinar e mediar em favor da aprendizagem da leitura literária. Só assim, como também indicam as epígrafes de Leahy-Dios (2000) e Paulino (2001), teremos um professor que ao ser mediador ensina e ao ser professor media, desenvolvendo a competência literária de seus alunos dentro de uma comunidade de leitores que elabora, recria, debate, enfrenta, questiona, adota, refunde e inventa na sala de aula e na escola os modos de ser e estar no mundo. (COSSON, 2015, p. 169-170)

2.4 Círculos de leitura e de cultura

Para definir Leitura Cosson, no Livro “Círculos de leitura e letramento literário” escolhe, dentre tantas definições e concepções que alimentam as teorias da leitura, aquela que vem principalmente de Bakhtin definindo a leitura como um diálogo. Dessa forma, em primeiro lugar pode-se dizer que ler é produzir sentidos através de um diálogo ou uma conversa. Esta pode ser leve, simples e com questões cotidianas como quando se faz a leitura de uma revista antiga enquanto aguarda algum atendimento médico ou odontológico, ou embaraçosa cheia de perguntas indiscretas, ou por uma autoritária como os textos instrucionais a exemplo das receitas culinárias e, por fim, uma mais profunda como a leitura de poemas diante da descoberta do arranjo poético, julgando ser exatamente o que está sentindo ou pensando. Em segundo lugar a leitura é tida como um diálogo realizado com o passado, ou seja, uma conversa com a experiência de outrem. Assim, toda leitura é um diálogo com o passado, seja ele próximo ou remoto.

Dessa forma, a leitura configura-se como um “[...] processo de compartilhamento, uma competência social” (COSSON, 2014, p. 36). Quando a escola falha na condução desse compartilhamento diante da função de formar leitores, esta falha em todo ensino, pois não há conhecimento sem leitura. Ler significa criar sentidos através de um diálogo, portanto a leitura deve ser compreendida como uma competência social e individual, ou seja, é um processo de criação de sentidos envolvendo quatro elementos essenciais: leitor, autor, texto e contexto.

No entanto, não tratamos nesta pesquisa de qualquer leitura, mas sim da literária. Dessa forma, é necessário entender o papel da literatura na formação do

leitor e os objetos da leitura literária. Sabemos que a escola não é o único espaço de formação e nem o mais eficiente, mesmo sendo a escola o lugar da aprendizagem sistemática da leitura e de outros saberes. Todavia, é a capacidade de ler que permite a formação do leitor em espaços alternativos. Porém, como está sendo desenvolvida nossa capacidade de leitura? Lendo qualquer texto e de modo qualquer? Não, devemos ler formativamente e para isso existem diversas formas.

Fazendo uma síntese sobre os apontamentos que as teorias literárias propõem atualmente, pode-se dizer que lemos formativamente quando: A) Lemos diversos textos – permitindo que o leitor se movimente entre eles e consiga construir um repertório que lhe servirá de parâmetro para futuras leituras; B) lemos de diversas formas – não lemos sempre do mesmo jeito, precisamos exercitar várias formas de ler para que possa desenvolver a competência leitora; C) “lemos para conhecer o texto que nos desafia e que responde a uma demanda específica.” (COSSON, 2014, p. 47) – o texto a ser lido precisa ser o motivador do leitor, motivação esta que, necessariamente, passa pela história de vida do leitor e suas leituras prévias. Na escola a problemática se dá pois, normalmente, não há uma distinção de importância do texto literário na formação do leitor, frente a utilização de outros textos, o que acaba por não reconhecer que uma obra pode sim, ser considerada muito boa para atender as possíveis necessidades de formação de leitores nos diversos contextos escolares que possa existir. Além disso, as instituições não procuram investigar o nível de competência literária do seu aluno ou ainda, trata a turma inteira como se estivesse no mesmo nível.

Essa situação faz com que alunos que possuem um nível menor de competência, tenham de alcançar o nível de outro estudante que já tenha um nível razoável de leitura de ficção, causando muitas vezes o distanciamento dos alunos em relação à leitura literária. Ainda podemos ler formativamente quando: d) avaliamos o que vamos ler – uma leitura avaliativa propõe exatamente identificar as características de uma obra, analisar o que ela representa e problematizando os elementos do seu contexto de produção e leitura; e e) lemos para aprender a ler – essa última trata especificamente da metaleitura, que permite ao leitor reconhecer e controlar sua forma de ler e assim aprimorá-la.

No entanto, todas essas características nos trazem que a forma ideal para formar leitores é a partir da leitura literária. Segundo Cosson,

Essas e outras características que sintetizam o aprendizado permanente da leitura encontram na literatura um campo ideal para seu desenvolvimento, ou seja, na leitura formativa a literatura ocupa uma posição capital. É assim que por meio da leitura da literatura, temos acesso a uma grande diversidade de textos, pois é próprio do discurso literário a multiplicidade das formas e a pluralidade dos temas. Sendo menos língua, no sentido de um sistema gramatical determinado, e mais linguagem, compreendida como a competência de fazer o mundo com palavras, a literatura não tem outro limite que a própria capacidade humana de significar. (COSSON, 2014, p. 49)

É somente a partir da leitura literária que somos conduzidos a realizar indagações sobre o que somos e o que queremos, de tal forma que esse diálogo com a literatura sempre nos dá a possibilidade de avaliar os valores impostos pela sociedade em que vivemos. Isso acontece porque os textos literários trazem palavras e universos muito mais verdadeiros do que imaginários, gerando assim um desafio aos discursos prontos da realidade. É dessa forma que o texto literário nos abre caminhos e possibilidades para a construção de nossas identidades, pois a partir do exercício da imaginação a que todo texto literário expõe, que é possível posicionar-se como sujeito, e só dessa maneira é possível posicionar-se criticamente diante de qualquer situação.

Diante disso é de suma importância falar sobre as diversas formas de praticar a leitura literária. De acordo com Cosson, a leitura literária não possui apenas um caminho, e que o diálogo da leitura pode ser vivenciado de diversas maneiras. Em seu estudo ele trata sobre essas formas de vivenciar a leitura como o silêncio que descreve as formas de leitura silenciosa, A voz que descreve as formas de contar histórias até chegar à Análise (etapa que mais nos interessa), que compreende um leque de atividades, na maioria escolar, que partem de um simples roteiro de leitura até uma pomposa crítica cultural.

Essa etapa propõe a Discussão em sala de aula como um recurso importante e parte da leitura interativa, que não é simplesmente uma atividade preparatória para motivar os alunos à escrita. Discutir em sala de aula implica que os estudantes conversem entre si e com o professor, troquem experiências. Segundo as pesquisas realizadas por Cosson, é essa discussão que faz com que os jovens lembrem de suas leituras, compreendam com maior facilidade e respondam melhor aos elementos estéticos literários. No entanto essa discussão não diminui o trabalho do professor, pois ela não deve ser simplesmente um questionário sobre o texto

previamente lido, ela deve ser organizada e estruturada de modo a ter seus objetivos claros e não simplesmente para ser uma forma de gastar o tempo de aula. É papel do professor planejar e estruturar essas discussões, selecionando os textos, organizando a leitura previa e orientando a participação dos alunos antes, durante e depois destas, pois ele é o mediador das ações propostas.

Sabe-se que a Sociologia da Leitura tem como concepção que as práticas culturais como as leitoras, diante do potencial de transformação social nelas contido, podem provocar reações em cadeia, estas podem partir do impacto que causam individualmente no leitor e ampliar para ações coletivas que afetam a sociedade. Assim, para Bourdieu “por meio de um livro, pode-se transformar a visão do mundo social e, através da visão de mundo, transformar também o próprio mundo social”.(BOURDIEU, 1996, p.243)

Nessa perspectiva, apresenta-se as práticas de leitura como a do Círculo de Leitura e Diálogo Literário, desenvolvido em sala de aula, como uma atividade capaz de promover entre os estudantes, uma consciência de que somos sujeitos agentes de transformação do mundo. É possível fazer essa afirmação pois, em primeiro lugar, as ações de cada um refletem no contexto em que vivemos; em segundo, somente práticas como essa darão conta de refletir sobre toda a problemática que envolve questões sociais e em terceiro lugar, é possível mensurar o poder transformador da leitura diante dos resultados alcançados a partir das atividades de leitura e diálogo propostas.

Dessa forma, entendemos que toda e qualquer prática cultural exige aprendizagens. Especialmente a da leitura, precisa das aprendizagens do código lingüístico, dos conhecimentos enciclopédicos, de contextos históricos, geográficos, etc. No entanto para que possa ser realizada é necessário outros conhecimentos que a ampliam, pois o ato de ler exige tanto uma experiência prévia como uma nova. Para tanto é importante observar que tais práticas, historicamente, mudam acompanhando as demandas sociais dos leitores e do universo a que se relacionam.

Para Chartier no livro “Da aventura do livro ao navegador”, a ruptura e a inovação que podem ser observadas nas práticas de leitura não são características somente dos modos atuais de ler, pois elas parecem sempre ter feito parte dessa trajetória, em que “novas atitudes são inventadas, outras se extinguem” (CHARTIER, 1998, p.77). Contudo, uma das mudanças mais significativas relacionadas às práticas da leitura na contemporaneidade faz referência à liberdade do leitor, que é

gradativamente ampliada, embora nunca seja irrestrita, pois

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que se desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábito que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. (CHARTIER, 1998, p. 77).

Portanto, a Liberdade do leitor está condicionada às práticas de leitura experienciadas por ele e que, no tempo e lugar a que pertencem, estão disponíveis. Logo, acredita-se que o trabalho a través de projetos de leitura com os mais diversos autores e obras, pode mudar a visão, por vezes preconceituosa sobre as escolhas e maneiras de ler desse leitor. Por exemplo, compreender que “aqueles que são considerados não leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como leitura legítima”(CHARTIER, 1998, p. 104).

2.5 O papel do professor-leitor/mediador

O professor deve atuar como um guia, conduzindo seus alunos a trilhar caminhos que os levem ao hábito de ler. No entanto, para que possam trilhar este caminho a motivação não deve vir somente da escola, é de suma importância também o envolvimento da família, ou seja, para formarmos leitores é preciso motivá-los, contagiá-los, seja através de familiares, amigos ou pelo próprio professor, mostrando-os que ler não é somente um entretenimento, mas sim uma necessidade, assim como o ar para a nossa sobrevivência. Ao avançar em suas leituras que o leitor vai se tornando mais experiente, mais crítico e desenvolvendo discussões sobre o que foi lido.

No Ensino fundamental I (do 1º ao 5º ano), os professores se esforçam muito para o desenvolvimento de projetos voltados à formação do leitor literário. Todavia, passado o primeiro contato com a linguagem escrita, se instala o fracasso na relação aluno-livro, fruto das práticas do professor, que, muitas vezes, após a etapa de alfabetização, reforça aspectos negativos sobre o livro e leitura. Isso acontece, pois os estudantes são expostos a textos fragmentados ou passam instantaneamente para textos com uma linguagem mais rebuscada, de modo que logo o aluno “passa a ser mais um não leitor em formação”. (KLEIMAN, 1993, p. 16)

Dessa forma, muitas abordagens escolares são derivadas de concepções de ensino e aprendizagem que partem do princípio de que, ao conhecer a estrutura da escrita, sua organização, seus princípios fundamentais, incluindo sua relação com o oral, o aprendiz estará apto para o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita. Porém, dessa forma a leitura significa apenas o exercício da codificação e decodificação mecânica e da repetição. Essa metodologia apenas implica em uma consequência: a escola consegue ensinar os jovens a ler, mas não os forma leitores.

Diante disso, volta-se novamente para o termo “letramento”, que vem da palavra inglesa *literacy* e que significa “estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 1996, p.2) ou “Conjunto de práticas discursivas, formas de usar a linguagem e fazer/retirar sentido pela fala e pela escrita, que relacionam a visão de mundo das comunidades, suas crenças e valores particulares” (MATENCIO, 1994, p. 20). De forma mais adequada o termo “letramento” atende de forma mais adequada ao que a sociedade exige do aluno ao final de sua trajetória escolar, correspondendo à apropriar-se e desenvolver práticas sociais de leitura e escrita.

De acordo com Maia (2007) quando se fala em leitura literária, é impossível não pensar em “prazer na leitura” e “gosto pela leitura”. Contudo, a prática na escola tem sido alvo de várias críticas de autores que abordam esse assunto, aqui já citados. É unânime que o professor como mediador entre aluno e o livro literário, tem intermediado pouco ou simplesmente não o faz. É fato que o repertório de leituras dos professores (tirando algumas exceções) é extremamente restrito, abrangendo em sua grande maioria uma literatura pedagógica ultrapassada e os fragmentos encontrados nos livros didáticos, a exemplo da seguinte afirmação:

Sempre tendo em mira possíveis exceções e o caráter dialético da realidade escolar, o que nos impede de realizar generalizações apressadas, podemos afirmar que o universo da leitura do professor brasileiro é extremamente restrito, abrangendo, na maioria das vezes, tão somente uma literatura pedagógica esclerosada (parada no tempo) e os fragmentos contidos nos livros didáticos (SILVA, 1991, p. 25)

Lajolo já nos enfatizava que um professor precisa ter o hábito da leitura, precisa gostar de ler e ler muito, ou seja, deve ter familiaridade com uma variedade de textos, deve ter maturidade enquanto leitor, ter construído significados, ter sua própria história de leitura, pois essas condições são primordiais para um bom desempenho como mediador da relação entre leitor-texto - para isso é de extrema

necessidade políticas públicas de incentivo à leitura do professor, pois muitas vezes o professor é barrado no acesso à leitura -. Portanto o professor-mediador deve ser convincente ao tratar da leitura, irá persuadir pelo seu exemplo de leitor, pois a fonte de interesse do jovem pelo livro pode estar no professor “que se revela apaixonado pela leitura” (MAIA, 2007, p.37)

Nesse sentido, Bragatto Filho escreve o estatuto do “professor-leitor” e segundo ele este “terá mais condições de despertar, nos seus alunos, o interesse e o prazer pela leitura do que aquele que não lê ou prestigia muito pouco as aulas de leituras” (BRAGATTO FILHO, 1995, p. 86). Para o autor, o professor deve conhecer a natureza do texto literário, sua essência, seu potencial e sua universalidade. Segundo ele é necessário que a relação a ser estabelecida aluno/leitor/livro seja de liberdade, permitindo o confronto de idéias, um diálogo com profundidade, construindo assim uma relação afetiva e efetiva com o livro literário.

Não há como incentivar alguém se o próprio incentivador não tem motivação para tal. No entanto inúmeros professores que não são leitores tentam produzir em suas aulas momentos de leitura para seus alunos, sem sucesso. A propaganda sobre a leitura, feita aos alunos, soa falsa, uma vez que eles próprios não acreditam nela e os alunos percebem a incoerência. Portanto o problema de leitura está muito mais atrás, na formação leitora dos professores, e mesmo que tarde, precisa ser recuperada. Mas como seduzir crianças e jovens para a leitura? Como deve ser a atitude de um professor/mediador de leitura frente a um grupo de futuros leitores?

Segundo Silva, nós professores podemos buscar na obra infantil de Monteiro Lobato um modelo a seguir. Em seu livro intitulado “Leitura Literária e outras Leituras” ela faz uma comparação com a forma como Dona Benta, de “O sítio do Pica-pau Amarelo”, incentivava as crianças a ler.

Em primeiro lugar, Dona Benta tinha a preocupação de democratizar o acesso ao saber. Isso se manifesta de dois modos. O primeiro é trazendo jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, bem como livros nacionais e estrangeiros para o meio rural; e o segundo é chamando os moradores do sítio para compartilharem os serões. [...]

Paralela a correlata democratização do saber, Dona Benta procurava despir-se de autoritarismo. Nos seus serões, permitia que os ouvintes tivessem uma participação ativa, deixando que escolhessem suas preferências, que opinassem, que tecessem críticas, emitissem opiniões. Ela sabia ouvir, uma qualidade tão importante quanto saber ler. (SILVA, 2009, p. 31)

Dona Benta ainda apresentava uma terceira característica ao seu comportamento de leitora – a adequação da linguagem e dos temas ao nível de compreensão dos ouvintes, que era a forma como se reunia com a platéia. Nos livros de Lobato Dona Benta costumava acomodar-se em uma cadeira de pernas curtas, dessa forma ela fica mais baixa, ou seja, desce ao nível dos seus netos. Nessa atitude consegue igualar-se a eles em altura o que diminui também a posição superior que, naturalmente, exerce na família como matriarca, da mesma forma que abrandava a linguagem e o tratamento dos assuntos de suas leituras ao nível de compreensão dos ouvintes.

Dessa maneira, Dona Benta procura democratizar o acesso ao saber e despe-se de atitudes autoritárias ao levar o leitor/ouvinte a uma compreensão efetiva do texto lido pela adequação de tema e linguagem. É essa democratização e adequação que devemos realizar em nossas práticas de leitura em sala de aula. Ao despir-se de autoridade e sentar ao lado do seu aluno, ele sente-se confortável para ler, questionar, levantar hipóteses, pois este enxerga o professor/leitor como ele, ao seu nível de conhecimento e compreensão e não um detentor do saber.

3 CÍRCULO DE LEITURA E DIÁLOGO LITERÁRIO

Este capítulo destina-se a apresentar do projeto de intervenção e descrever as atividades desenvolvidas durante a aplicação do projeto. Primeiramente fazemos a apresentação do projeto executado e, em seguida, descrevemos as atividades propostas de forma objetiva e as reflexões feitas a partir de transcrições do diário reflexivo, construído durante todo o processo de aplicação.

A intervenção apresenta cinco etapas. A primeira consiste em expor aos alunos o teor do projeto, sensibilizá-los através do filme “Escritores da Liberdade” sobre o poder transformador da leitura e levar os estudantes à reflexão e problematização do tema abordado no filme através de uma roda de conversa. A segunda destina-se a verificar qual o envolvimento dos estudantes com a leitura literária através de uma atividade diagnóstica. No terceiro momento a proposta é apresentar aos alunos o escritor de sua cidade e suas obras, através de uma apresentação em *Power point* Identificar se estes o (re)conhecem, e fazer a leitura do primeiro capítulo do livro escolhido. No quarto momento os alunos são motivados

a escreverem seus questionamentos sobre a obra lida para que sejam enviados ao escritor. No quinto momento acontece o encontro dos estudantes com o autor através de uma roda de conversa, para a troca de experiências e diálogo com o mesmo e, posteriormente, Identificar se as expectativas iniciais do projeto foram alcançadas e se a opinião dos estudantes sobre as atividades de leitura e reflexão propostas durante todo o desenvolvimento, através de uma segunda atividade diagnóstica.

3.1 O projeto de intervenção pedagógica

Nesse momento descrevo, primeiramente, o projeto de intervenção pedagógica que foi a experiência vivenciada durante três meses, nas aulas de Língua Portuguesa, na escola em que trabalho. A partir dessas vivências, foi realizada a pesquisa bibliográfica no intuito de refletir sobre os êxitos e as dificuldades encontradas no percurso da intervenção para, finalmente, construir a Unidade de Aprendizagem “Círculo de Leitura e Diálogo Literário”.

O projeto surgiu das experiências vividas em uma proposta de leitura realizada por mim desde 2012, intitulado Biblioteca Itinerante. À época, este projeto surgiu da minha inquietação sobre a falta de interesse dos alunos pela leitura literária em aula. Dessa forma, comecei a buscar estratégias para o acesso desses estudantes à leitura, visto que não havia profissional capacitado para trabalhar na biblioteca, não podendo liberar o acesso dos estudantes para a escolha de obras literárias. Assim, juntamente com os alunos, decoramos uma caixa de papelão e através de uma conversa com os jovens sobre suas preferências, busquei as obras que mais se adequassem às suas expectativas e as coloquei na caixa para circulação em sala de aula. Essa formatação continuou até meu ingresso no programa de mestrado, em que, através de leituras e reflexões à cerca da formação do leitor literário, o projeto ganhou a forma que tem hoje.

Dessa forma, a proposta de intervenção intitulada “Círculo de Leitura e Diálogo Literário” apresenta um roteiro de atividades voltada para o incentivo à leitura literária através de obras de autores locais. A proposta envolve cinco passos para a execução e participação significativa dos alunos nas atividades. Estes serão apresentados na próxima subseção desse capítulo a fim de descrever as atividades desenvolvidas durante a realização do projeto.

O contexto desta experiência foi o Colégio Waldemar Amoretty Machado, instituição da Rede Estadual de Ensino, situado na Rua Senador Alberto Pasqualine, número 651 na cidade de Bagé. Este está localizado em um bairro de fácil acesso a pessoas que vivem em outros bairros da cidade, tendo a disponibilidade de atender alunos advindos de localidades que circundam a instituição. O colégio atende a um público que vai desde o 1º ano do Ensino Fundamental até chegar ao 3º ano do Ensino Médio. Foi escolhida uma turma de 9º ano para a realização da intervenção, visto que já havia sido regente da mesma quando estavam no 8º ano e hoje, continuamos compartilhando do espaço da sala de aula no 1º ano do Ensino Médio. Na turma havia, aproximadamente, 20 alunos, com idade entre 14 e 17 anos, oriundos de diversas localidades da cidade, principalmente dos bairros ao redor da escola.

3.2 Círculo de leitura e diálogo literário como atividade pedagógica

Esta subseção tem como objetivo apresentar um relato descritivo da aplicação da intervenção pedagógica, que se estrutura em módulos, os quais trazem sequências de atividades desenvolvidas nas aulas de LP (Língua Portuguesa).

Durante o desenvolvimento da aplicação, houve momentos de muito envolvimento, com pequenas exceções de alunos que, já não participavam das aulas de modo geral. É preciso relatar que houve ainda uma mudança quanto à ferramenta para a realização da leitura, uma vez na fase de organização e planejamento da intervenção, havia sido pensado na leitura do livro físico, no entanto, ao planejar as atividades, fomos em busca dos exemplares existentes na biblioteca, os quais nos foi informado que haviam sumido. Diante desse impasse, surgiu a sugestão de usar uma versão em PDF.

O autor bajeense escolhido, Fernando Risch, foi procurado e durante uma reunião, foi apresentado a ele a descrição do projeto, seus objetivos e justificativa e as dificuldades que haviam surgido no decorrer do planejamento. Ele, gentilmente, enviou a versão em PDF do livro e de mais duas de suas obras por email e também disponibilizou o número de um Whatsapp (aplicativo de compartilhamento de mensagens), caso fosse necessário mais algum contato referente à aplicação do projeto. Dessa forma, a dinâmica de leitura mudou e haveria de se pensar em uma forma de repassar o texto para os estudantes para que pudessem realizar a leitura.

Assim, por uma iniciativa dos próprios alunos, frente à falta dos livros na biblioteca, foi criado um grupo no whatsapp (aplicativo de compartilhamento de mensagens via internet), para o envio e compartilhamento da obra escolhida aos demais colegas. Em seguida surgiu uma segunda dificuldade, alguns alunos não tinham acesso ao aplicativo de leitura em PDF, assim, os próprios estudantes se mobilizaram para fazer uma leitura compartilhada.

Para o desenvolvimento da atividade, foi necessário conversar previamente com a escola e relatar a situação de falta de livros e justificar o uso do celular em sala de aula, tanto por parte dos alunos como da professora, uma vez que a escola tem por regra a proibição do uso do celular dentro da sala de aula, acatando uma lei estadual referente ao uso de dispositivos móveis nas escolas e repartições públicas.

Para a realização das atividades foram necessários apenas oito encontros. Isso se deve pelo teor da intervenção, que visava incentivar o aluno a ler, portanto, a maior parte das leituras foram realizadas fora do ambiente escolar, permitindo que os encontros fossem quase que exclusivamente para a exploração das atividades diagnósticas e apresentações sobre obra e autor. Vale ressaltar que os alunos de modo geral se envolveram com a realização da intervenção, possibilitando encontros motivantes e eficazes para incentivar a leitura literária.

Na sequência, serão descritos os módulos e situações ocorridas em sala de aula durante a realização das atividades.

Módulo I: Socialização do projeto e sensibilização sobre a importância da leitura

Neste primeiro momento, o nosso objetivo foi apresentar o projeto, situando-os sobre a intenção e objetivos das atividades. Em seguida, para sensibilizar sobre a importância da leitura, os alunos foram convidados a ir para a “Sala Vip” (espaço da escola destinado para o desenvolvimento de atividades midiáticas), onde assistiram ao filme “Escritores da Liberdade”. Este filme foi escolhido pela sua temática que é “O poder transformador da leitura” e porque ele mostra o encontro de Miep Gies (escritora responsável pela publicação do diário de Anne Frank), após os alunos realizarem a leitura de “O diário de Anne Frank”.

Os alunos ficaram atentos e não fizeram questionamentos. Em seguida foi entregue a eles um termo de autorização de uso de imagem, pois seria necessário

gravar e fotografar algumas atividades, este deveria ser entregue no próximo encontro. Em seguida os alunos começaram a assistir ao filme.

Figura 1 – Termo de autorização de uso de imagem

The image shows three overlapping forms titled "TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM". The forms contain fields for personal identification and authorization details. Handwritten entries include names like "Ros" and "S", and various identification numbers. The text on the forms includes: "TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM", "Eu, [nome], portadora de cédula de identidade nº [número], CPF nº [número], Permito a gravação, divulgação de e aluno (s) [número] durante as aulas realizadas na UFRS", "Fica autorizada de livre e espontânea vontade, para os meus direitos de veiculação, não recebendo para tanto qualquer remuneração.", and "Bagé, _____ de _____ Assinatura do responsável".

Fonte: Autora (2018)

Durante a realização dessa atividade os alunos se mantiveram concentrados, sem a necessidade de chamar a atenção para possíveis conversas paralelas ou outras atitudes. Pediu-se aos alunos que se necessário, fizessem algumas anotações de situações relevantes que aparecessem no filme, para uma conversa posterior.

Figura 2: Filme “Escritores da Liberdade”



Fonte: Autora (2018)

Logo após a exibição do filme, fizemos um *feedback* do filme e pediu-se que, espontaneamente, os estudantes falassem sobre as anotações que haviam feito bem como possíveis curiosidades que pudessem surgir durante a conversa.

Módulo II: Reflexão sobre o Filme e atividade diagnóstica

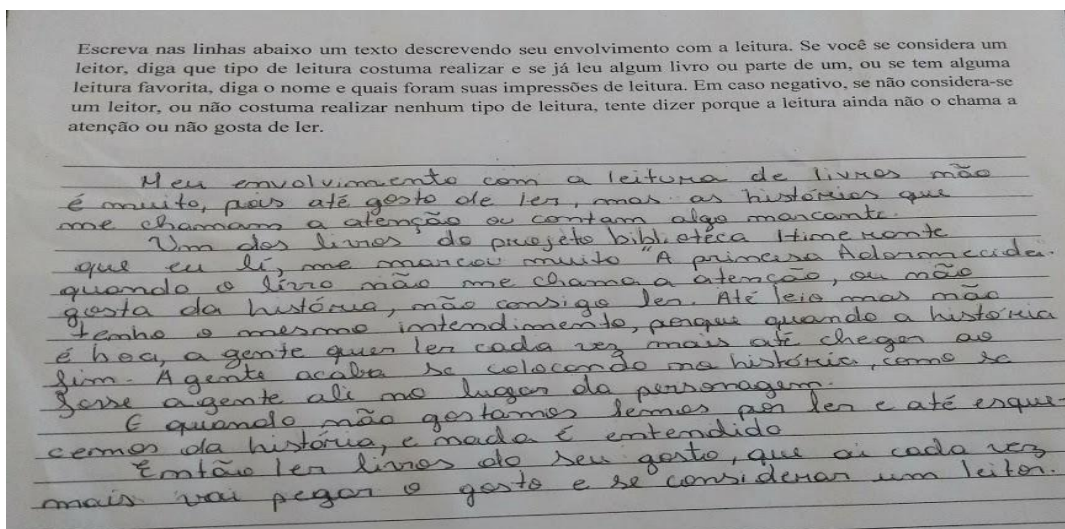
Nesta segunda etapa, primeiramente os alunos entregaram o termo de autorização de uso de imagem que havia sido enviado aos pais, solicitando a ciência sobre a realização das atividades que possivelmente seriam gravadas.

Após, foi entregue aos alunos a primeira atividade diagnóstica (Anexo 3), instrumento extremamente importante para a comprovação do sucesso ou não da intervenção.

Os jovens tiveram em torno de quarenta e cinco minutos (1 período) para responder a questões abertas que buscavam investigar o nível de envolvimento dos estudantes com a leitura, o tipo e a frequência com que realizam, bem como se eles se consideram leitores. Nessa etapa, alguns estudantes fizeram referência das suas leituras ao projeto “Biblioteca Itinerante”, que foi desenvolvido com a turma no ano anterior (8º ano), quando já era regente da turma, o qual após o ingresso no Mestrado Profissional em Ensino de Línguas foi se modificando até chegar neste

formato, expondo que o seu hábito de ler passou a existir após a realização do então projeto, como podemos ver na imagem abaixo.

Figura 3: Atividade diagnóstica 1



Fonte: Autora (2018)

Módulo III: Conhecendo os autores locais e suas obras

Essa etapa da intervenção pedagógica consistiu na apresentação da vida e obra do autor escolhido para a realização do projeto (Fernando Risch). Para tanto, ao iniciar a aula os estudantes foram encaminhados até a Sala Vip, pois seria necessário o uso do *Data show*, que já havia sido preparado durante a manhã.

Inicialmente foi realizada uma reflexão sobre as etapas da intervenção já realizadas e, a partir deste ponto, foi iniciada a fala sobre o autor e suas obras e os dados relevantes sobre o mesmo, enquanto os alunos mostravam-se atentos.

Figura 4: Aula expositiva sobre autor e obra



Fonte: Autora (2018)

Logo após foi apresentada a capa do livro “Hotel Califórnia” o qual seria utilizado para a realização dessa intervenção. Como sensibilização ao título do livro, foi exibido um vídeo com a interpretação da música Hotel Califórnia acompanhada de legenda em português, com o objetivo de despertar um pouco mais a curiosidade dos jovens com relação ao livro que deveriam ler. Ao final da música os alunos foram questionados com o intuito de saber se já tinham conhecimento sobre a música, alguns responderam positivamente e então surgiram alguns questionamentos aleatórios em conversa paralela dos alunos sobre a possível fidelidade do texto à música que haviam acabado de ouvir.

Nesse momento os alunos e professora começaram então uma leitura silenciosa do primeiro capítulo do livro que foi projetado em Data Show. Os alunos fizeram a leitura através da tela da TV juntamente com a professora, atentamente, e assim aconteceu até o final do capítulo que acabou coincidindo com o final do período de aula. Nesse momento foi possível ouvir de vários estudantes sobre a vontade que os despertou em seguir a leitura do livro. (foram utilizados dois períodos para a realização dessas atividades)

Antes da saída dos estudantes para o recreio, foi comunicado do uso do PDF para a realização da leitura e solicitado que, em uma folha, escrevessem seu e-mail para o compartilhamento, No entanto, a grande maioria dos alunos relatou que não

faziam desse recurso. Foi então que uma das alunas prontamente se mobilizou para criar um Grupo de conversas no Whatsapp para que fosse possível enviar a eles o PDF do livro.

Figura 5: Grupo criado para compartilhamento do livro



Fonte: Autora (2018)

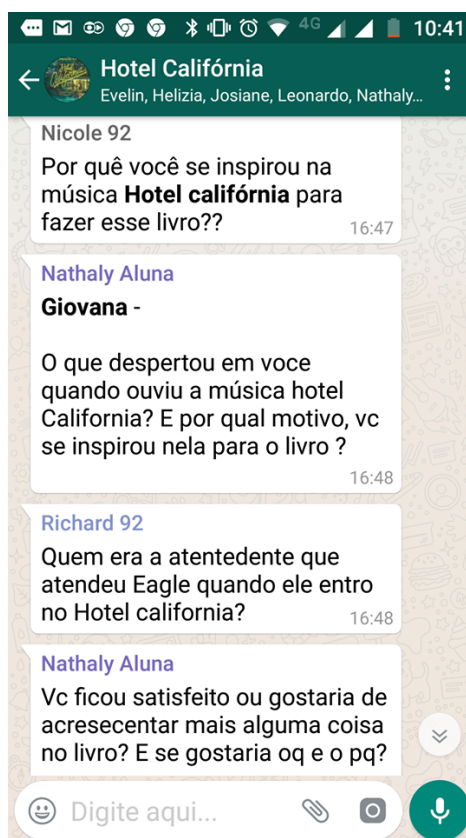
Módulo IV: Carta ao escritor

Nesta etapa a aula foi destinada para a criação de perguntas sobre o livro Hotel Califórnia, baseadas nas curiosidades e reflexões dos alunos a cerca da narrativa lida. Essas perguntas foram encaminhadas para o autor, pois etapa seguinte, quando o autor iria a escola e encontrar com os jovens leitores para realizarem uma roda de conversa sobre a leitura que realizaram, responderia as perguntas.

Para realizar o envio das perguntas, foi solicitado aos estudantes que partilhassem uma folha onde cada um se identificaria e escreveria sua pergunta,

porém, por iniciativa de uma aluna, as perguntas foram criadas e enviadas no próprio grupo do Whatsapp para o compartilhamento da versão em PDF do livro, o que tornou a atividade mais dinâmica e demonstrou o envolvimento dos jovens, pois mesmo aqueles que não tinham o aplicativo ou até mesmo o telefone, enviaram suas perguntas através de um colega que já fazia parte do grupo.

Figura 6: Perguntas destinadas ao autor



Fonte: Autora (2018)

Antes da realização dessa etapa, foi agendada com o autor a sua visita à escola. Então foi informado à turma que o encontro iria realizar-se ainda durante aquela semana. Nesse momento um misto de emoções transpareceu dos alunos, alguns demonstraram vergonha, outros curiosidade. Entretanto, foi possível observar a ansiedade dos jovens para conhecer o autor do livro. Em meio a essa realidade, alguns alunos deram a sugestão de realizar uma confraternização de acolhimento para o autor no dia da visita, e assim começaram a mobilizar-se para saber o que cada um dos jovens podia fazer para contribuir. Essa atitude é mais uma reação que

demonstra o engajamento da turma com a realização da intervenção, pois estão mostrando-se solícitos e preocupados com o bem estar do convidado especial.

Módulo V: Roda de conversa com o autor

Neste último módulo, no intuito de aproximar autor e leitor, foi realizada a roda de conversa com o Fernando Risch. Os alunos estavam muito ansiosos para conhecer o autor. Eles chegaram cedo à escola e já começaram a organizar o espaço da biblioteca destinado, colocando as cadeiras em forma de círculo para a realização da roda conversa com o autor sobre a leitura do livro. Também arrumaram uma mesa para distribuir os pratos doces e salgados e refrigerantes que levaram para confraternizar com o escritor.

A atividade teve início com todos os alunos sentados no círculo, juntamente com a professora e o escritor visitante. Este foi apresentado e realizou-se uma fala sobre o projeto “Círculo de Leitura e diálogo literário” e da importância da presença dele para a realização do mesmo e aproximação entre autor e leitor. O autor apresentou-se, agradeceu pelo convite e mostrou-se contente em estar fazendo parte desse projeto. Disse estar à disposição dos estudantes para as possíveis perguntas, visto que havia a possibilidade de surgir mais além das já enviadas para ele. E realmente foi o que aconteceu.

O encontro foi extremamente satisfatório. Os alunos estavam extremamente motivados com a visita e a grande maioria participou ativamente da atividade. Este encontro teve algumas partes gravadas em vídeos. Entretanto, o áudio estava um pouco baixo e a imagem um pouco prejudicada, pois a câmera gravava alguns minutos e parava. Havia a necessidade de ligá-la novamente para voltar a gravar. Como foi possível observar pelo vídeo, aos poucos os alunos foram perdendo a timidez e conversando abertamente com o autor.

Figura 7: Roda de Conversa e Diálogo Literário



Fonte: Autora (2018)

A roda de conversa teve a duração de dois períodos e ao final, o escritor confraternizou com os estudantes e andou um pouco com os alunos pela biblioteca observando alguns livros existentes. Ainda fez algumas sugestões de leituras a partir das obras encontradas na biblioteca e relatou sobre a quantidade excessiva de obras clássicas literárias e o déficit de novos autores e obras mais contemporâneas.

Trecho transcrito do áudio do vídeo:

[...]

Aluno: -Com quantos anos tu começou a ler?

Risch: Ah... com vinte e um... atrasado...e com vinte e um comecei a escrever um livro também.

Aluno: Mas a tua professora não te incentivava?

Risch: É que assim... na escola era aquela coisa de tu ler livros clássicos né... e tu não ta preparado pra isso né... por exemplo tu me perguntou o que é penumbra... se tu for ler o Machado de Assis tu não vai passar de um parágrafo, são palavras bem difíceis pra entender, tu tem que a preparado pra aquilo... na idade de vocês não dá... não adianta... até pela temática...[...]

Figura 8: Registro fotográfico com o autor



Fonte: Autora (2018)

Figura 9: Passeio pela Biblioteca



Fonte: Autora (2018)

Figura 10: Confraternização

Fonte: Autora (2018)

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO SOBRE A PRÁTICA

Neste capítulo faço minha análise sobre a experiência fundamentando-a com a pesquisa bibliográfica. A análise que faço aqui é referente às expectativas criadas antes da aplicação da intervenção e os resultados obtidos a partir do exame da prática aqui relatada e registrada na forma de diário reflexivo, vídeos das aulas e atividades diagnósticas.

Início a reflexão fazendo uma observação sobre as mudanças que o projeto sofreu desde o ingresso nesse programa de mestrado. Primeiramente o pré-projeto para ingresso no Mestrado Profissional tratava da formação do leitor literário através da leitura de obras regionais, que tinha como objetivo formar leitores a partir do uso de uma biblioteca itinerante voltada às obras de cunho regional. Diante das leituras realizadas durante o curso e das observações realizadas pelos professores em momentos de discussão sobre os projetos, fui refletindo sobre a realização da intervenção e os possíveis obstáculos a serem encontrados. Um deles seria o possível desinteresse dos alunos quanto às obras escolhidas, pois apesar de serem textos relativamente próximos ao leitor, visto que o público alvo também vive no interior, as temáticas abordadas poderiam não motivar a leitura.

Durante a apresentação de qualificação do projeto, essa questão também foi levantada pela banca, o que definitivamente me fez pensar que o projeto precisava de modificações. Foi então que em diálogos realizados com o orientador, foram surgindo possíveis propostas, de solução do problema que motivou a pesquisa. Muitas leituras e reflexões aconteceram até chegarmos ao projeto final que foi aplicado a uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental.

A partir das observações da intervenção, percebo que é somente na prática, através das vivências e experiências, que conseguimos mensurar nossos êxitos e nossas falhas. E por isso é tão importante o planejamento do professor. As nossas idéias podem parecer perfeitas, mas sem a organização do trabalho é impossível pensar, visualizar, refletir, criar e reinventar a nossa prática.

Por se tratar de uma pesquisa-ação, é de suma importância que o professor esteja atento a sua prática e se proponha a refletir e repensar sobre sua prática, pois como nos diz Tripp, a pesquisação dentro da educação é em primeiro lugar uma estratégia para que se consiga realizar o “desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos [...] (TRIPP, 2005, p. 445). É a partir dessas reflexões que podemos melhorar nossa prática e efetivamente realizarmos ações que promovam a ampliação do conhecimento e aprendizagem significativa.

Atentando para algumas ocorrências frequentes e também relatadas no diário reflexivo, destaco as inúmeras interrupções das atividades em virtude da entrada repentina de monitores, e/ou equipe diretiva, na sala de aula. Na maioria das vezes essas situações aconteceram pela falta de professores, de última hora, na escola, o que obriga a equipe diretiva a buscar alternativas para sanar o problema. Essas interrupções quebram a sequência dos trabalhos, que na nossa avaliação são fatores que trouxeram algum prejuízo.

Diário Reflexivo: [...] ao chegar à escola, fui comunicada que havia uma professora doente e que dessa forma eu teria que assumir as aulas dela ao mesmo tempo que daria as minhas. Essa é uma situação corriqueira na escola e que é muito prejudicial ao ensino-aprendizagem dos estudantes, pois não acontece ensino e muito menos aprendizagem, os professores vão de um lado para o outro tentando controlar as turmas e nenhuma aula é ministrada com eficiência. Por isso, houve um atraso ao

iniciar a atividade pois precisei organizar o material para a turma do 8º ano e deixar uma aluna encarregada de passar o conteúdo (que foi organizado de última hora pois não teria aula com aquela turma nesse dia) no quadro.

A leitura literária é de extrema necessidade e de obrigação da escola abrir espaço para que ela se realize dentro do ambiente escolar, visto que traz ao leitor o poder humanizador de compreender contextos e de refletir sobre as questões que circundam nossa sociedade. No entanto, para isso a escola precisa estar preparada para realizar essas práticas leitoras a escola precisa “renovar-se, ainda quando resgatar sua função original, que é dar acesso à ação de ler para efetivar a revolução duradoura no bojo da qual se popularizou”. (ZILBERMAN, 2009, p.36)

No entanto o envolvimento dos alunos superou as possíveis dificuldades encontradas com relação à estrutura escolar, pois nenhuma das atividades propostas precisou ser adiada em virtude das interrupções que aconteceram.

Partindo para a análise da atividade do **Módulo I**, cujo objetivo principal era a sensibilização dos alunos para a leitura, pode-se dizer que o objetivo foi atingido, apesar de algumas situações inusitadas. A atividade consistia em apresentar o projeto, logo após, passar a eles o filme “Escritores da Liberdade” e ao final fazer uma reflexão sobre o tema abordado, com o intuito de sensibilizar os estudantes sobre o poder transformador da leitura. Os alunos mantiveram-se atentos durante o filme, inclusive aqueles que já haviam assistido em uma outra oportunidade. Isso foi possível, pois eles passaram a interpretá-lo pelo viés da importância da leitura literária e do poder transformador que ela pode ter se bem utilizada. Isso aconteceu pelo “contágio” (SILVA, 2009, p. 26), segundo Silva:

Isso acontece quando o pai, um irmão, um amigo ou um professor consegue convencer o iniciante de que ler é mais que um entretenimento, é uma necessidade, tão imprescindível como o ar que se respira. Falo por mim, de minha própria experiência de leitora. (SILVA, 2009, p.26)

O enredo do filme mostra a influência que o professor pode exercer, diante daquilo que ele pretende dos seus alunos. Durante nossas aulas sempre enfatizei sobre a importância e a necessidade de se fazer leituras literárias, e ao pedir para que os alunos assistissem ao filme e que focassem no poder transformador que a leitura teve sobre aqueles jovens, a resposta foi imediata, pois durante a conversa,

os alunos demonstraram surpresa diante da mudança sofrida na vida dos personagens do filme, o que ficou claro em respostas da atividade diagnóstica, desenvolvida no segundo encontro da proposta.

No entanto a maior dificuldade encontrada nessa primeira atividade foi para que acontecesse dentro do tempo estipulado, pois em função das interrupções já relatadas, houve um atraso significativo para o início do seu desenvolvimento, previsto para as 13h20min, porém iniciando somente às 13h45min. Para que fosse possível concluir, a colaboração da colega de matemática foi muito importante, cedendo 15min de sua aula para que a conclusão e reflexão sobre o filme acontecesse. É esse tipo de colaboração que se espera que tanto colegas professores quanto equipe diretiva, tenham para que efetivamente ocorram projetos de ensino aprendizagem significativos na escola. Uma instituição não se faz sozinha, ela depende do empenho dos gestores, professores, alunos, equipe da limpeza e alimentação, pais, enfim, da comunidade escolar como um todo.

O **módulo II**, direcionado para a realização da primeira atividade diagnóstica, teve por objetivo identificar o perfil leitor da turma, o qual foi atingido. Conforme os relatos do diário reflexivo, os alunos pareciam estar envergonhados no primeiro momento, acredito que pela presença da câmera em aula.

Algo natural, visto que estão na adolescência, momento de auto-afirmação, construção da identidade, momento em que certas atitudes são inteiramente compreendidas. No entanto, aos poucos os jovens foram familiarizando-se com a câmera e participando ativamente da atividade.

Diário Reflexivo: *Procurei posicionar a câmera ao fundo da sala de aula para minimizar um possível constrangimento. Aos poucos os alunos foram se familiarizando com a situação e a atividade foi se desenvolvendo como o esperado.*

Na atividade diagnóstica havia a seguinte pergunta: *Escreva nas linhas abaixo um texto descrevendo seu envolvimento com a leitura. Se você se considera um leitor, diga que tipo de leitura costuma realizar e se já leu algum livro ou parte de um, ou se tem alguma leitura favorita, diga o nome e quais foram suas impressões de leitura. Em caso negativo, se não considera-se um leitor, ou não costuma realizar nenhum tipo de leitura, tente dizer porque a leitura ainda não o chama a atenção ou não gosta de ler,* que tinha como objetivo investigar o nível de envolvimento dos

estudantes com a leitura, o tipo e a freqüência com que realizam, bem como se eles se consideravam leitores. A análise das respostas revela que, de um total de 15 alunos presentes, a maioria, 7 alunos, não respondeu as perguntas; 6 alunos se consideram não-leitor; e apenas 2 consideram-se leitores. Os motivos apontados pela maioria dos alunos que responderam não leitor foram a preguiça, a falta de interesse e hábito de ler, o que justifica a importância da realização de projetos voltados à leitura literária em sala de aula, uma vez que é comum em seus relatos essas explicações acerca da sua desmotivação para ler.

Figura 11: Recorte da atividade diagnóstica 1 (aluno 1)

Eu não me considero um leitor mas as vezes eu leio alguns livros, quase sempre não termino de ler. Já li vários tipos de livros mas nenhum me chama a atenção pra mim gostar de ler mais seguido, já li 4 livros de Percy Jackson, um do Harry Potter e outros pra apresentar nas aulas de Português.

Fonte: Autora (2018)¹

O aluno acima diz não considerar-se leitor, mas revela já ter lido mais de quatro livros, dentre eles Percy Jackson, que traz uma temática bem complexa de mitologia grega, embora reconheça que nem sempre conclua suas leituras. Parece que o aluno ainda não consegue interpretar o que é considerado um leitor, assim como muitos professores também não compreendem, e para isso é tão importante observar que o simples fato de buscar um texto para ler, seja por iniciativa própria ou pela intervenção do professor já abre caminhos para aquisição do hábito desse jovem. Freire já nos dizia que mais importante do que os inúmeros livros lidos é a

¹ **Transcrição da resposta:** *Eu não me considero um leitor mas as vezes eu leio alguns livros, quase sempre não termino de ler. Já li vários tipos de livro mas nenhum me chama a atenção pra mim gostar de ler mais seguido, já li 4 livros de Percy Jackson, um do Harry Potter e outros pra apresentar nas aulas de Português.*

qualidade que se tem ao ler. Portanto, não importa se leu o livro inteiro, sua metade ou apenas a primeira página, mas sim se compreendeu o que acabou de ler. De acordo com Freire

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a ser compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas. No entanto, um dos documentos filosóficos mais importantes de que dispomos, *As Teses sobre Feuerbach*, de Marx, tem apenas duas páginas e meia... (FREIRE, 1986, p. 19)

Isso não significa que quem lê apenas uma página é também considerado um leitor, assim como quem têm uma bagagem enorme de leitura. O que explico é que muito mais importante que uma enorme carga de leituras é compreender o que se lê.

Ainda observo um segundo relato representativo das respostas dos demais alunos:

Figura 12: Recorte da atividade diagnóstica 1 (aluno 2)

EU SOU UMA PESSOA QUE NÃO LEO MUITO, MAS ACHO A LEITURA MUITO IMPORTANTE TANTO DO APRENDIZADO QUANTO PARA LER MELHOR, EU GOSTO DE LER HISTÓRIA ÀS VEZES TEM ALGUMAS BEM INTERESSANTES, ACHO QUE DEPOIS DESSE FILME (ESCRITORES DA LIBERDADE) EU LIA ALGUNS LIVROS PORQUE ME CHAMOU BASTANTE ATENÇÃO, EU ATÉ GOSTO DE LER MAS TENHO MUITA PREGUIÇA E SOU BASTANTE ANIMADO, MAS DEPOIS DO FILME ME SENTI BEM INTERESSADO

Fonte: Autora (2018)

Nesse caso, o trecho revela que o jovem não apresenta muito interesse pela leitura e que sente “preguiça” em ler, no entanto ele termina seu relato dizendo “Mas depois do filme me senti bem interessado” Dessa forma voltamos ao que Silva

chama de contágio e exemplo. Cabe a nós professores sermos o exemplo para nossos educandos, seja através de indicações de leituras já realizadas por nós ou por ações que promovam a motivação nesses indivíduos, como aconteceu com a atividade do filme.

Outra observação relatada no diário reflexivo é com relação à escrita, pois era visível o desconforto e resistência por parte de alguns a desenvolverem sua resposta. Enquanto alguns usaram todo o espaço destinado para a resposta e até mesmo o verso da folha outros demoraram um tempo considerável para iniciar e escreveram poucas linhas. Todavia, é completamente aceitável essa atitude visto que as habilidades de cada um são distintas, enquanto uns têm mais facilidades com a escrita, outros possuem mais facilidades na fala ou em outra competência, o que nos leva a considerar a atividade satisfatória.

O **módulo III** foram realizadas atividades de apresentação do autor e de leitura do primeiro capítulo. Como já foi relatado na descrição da proposta, inicialmente nosso planejamento estava voltado para o compartilhamento, entre os alunos, dos livros que foram disponibilizados pelo próprio autor em uma visita à escola em outro momento, porém os livros não se encontravam mais na biblioteca e nem a pessoa responsável pelo espaço não sabia informar sobre os livros. Assim foi necessário pensar em estratégias de leitura que suprissem a falta do livro físico.

Ainda estamos muito atrelados à leitura do livro físico, porém, os modos de ler vem se modificando ao longo dos séculos. Segundo Chartier, “Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao livro eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler” (CHARTIER, 1999, p. 77). Antigamente as pessoas precisavam isolar-se para fazer suas leituras, um tempo depois surgiram os clubes de leitura; hoje a leitura é ainda mais dinâmica, pois podemos realizá-la a partir de um celular em qualquer lugar que estivermos.

Apesar da inicial insegurança quanto ao uso do celular para a realização da leitura, tudo foi se normalizando com o passar dos dias, inclusive ficou evidente que os estudantes tiveram muito mais flexibilidade para realizarem as leituras, visto que poderiam ler a qualquer hora e lugar, era só estar com seu dispositivo móvel por perto. No entanto surgiu um ponto negativo, pois alguns tiveram dificuldades em baixar um aplicativo para ler em PDF pelo próprio déficit de memória interna que alguns aparelhos apresentavam, ou porque ocorreram imprevistos e houve extravio

de seus dispositivos ou ainda, pelo tamanho da letra apresentada para a leitura, visto que a tela de um celular ou tablet é bem menor que a tela de um computador.

Entretanto, essas situações podem acontecer no decorrer de qualquer trabalho e, apesar de aparentarem um ponto negativo, são de extrema valia para a avaliação da proposta.

Em um caso específico, diante de uma dificuldade, surgiu um ato de cooperação e união, tão importantes para o desenvolvimento do sujeito. Uma aluna não possuía celular ou outro dispositivo para que pudesse realizar a leitura, nesse momento, como é relatado no diário reflexivo, uma colega se dispôs a ir na sua casa todos os dias, e em horário acordado, para que juntas pudessem realizar a leitura.

Independente das dificuldades pontuais encontradas para a realização da leitura, em virtude de ter sido realizada pela TV durante a exposição oral e a leitura em PDF por parte dos alunos, o que fica evidente é que foi realizada a leitura efetiva do primeiro capítulo do texto, enfatizada por Cosson, que nos diz que “[...] é fundamental que se coloque no centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a construir essas leituras [...]” (COSSON, 2007, p. 23). Diante disso é possível dizer que a partir de experiências, em que não alcançamos o êxito desejado, que conseguimos analisar, refletir e buscar alternativas para solucionar o possível problema e assim alcançar o tão desejado objetivo.

No **IV módulo** a atividade é voltada para a criação de perguntas sobre o livro Hotel Califórnia, baseadas nas curiosidades e reflexões dos alunos acerca do texto lido (figura 6, página 48). No planejamento inicial essas perguntas deveriam ser escritas em um papel para que, posteriormente, pudessem ser enviadas para o autor. Todavia, os alunos pediram para que as perguntas fossem escritas e enviadas pelo mesmo grupo de compartilhamento de mensagens que usamos para compartilhar o livro. Apesar de haver uma mudança repentina no planejamento, foi de extrema valia, uma vez que mostra o engajamento dos estudantes com o projeto, pois partiu da iniciativa deles sugestões de mudanças no planejamento e execução da atividade. Assim, o próprio compartilhamento das perguntas também aconteceu via whatsapp para o autor, embora houvesse sido enviada uma cópia das perguntas por um e-mail, de modo mais formal.

Embora o planejamento seja necessário para o sucesso da ação pedagógica, só é possível realizar tranquilamente essas mudanças se o professor estiver seguro

de sua prática e para isso é preciso posicionar-se como um educador engajado na aprendizagem de seu aluno, capaz de entender que o ensino aprendizagem só de fato acontece porque estamos em constante aprendizado. Nós aprendemos com os alunos assim como eles também aprendem conosco, pois de acordo com os estudos de Traversini e Bello,

Para que o processo de ensino ministrado pelo professor transforme-se em “aprendizagem” para o aluno, o que se diga, se escreva ou se leia sobre, precisará ser subjetivado, trazido para si, e isso só poderá acontecer se tornarmos a atividade uma experiência, um sentido atribuído pelo aluno àquele acontecimento, um exercício de pensamento, e não apenas informá-los com nossas verdades ou aquelas verdades disciplinares que ensinamos.(TRAVERSINI;BELLO, 2008, p.51)

No **módulo V** e último da proposta de intervenção, aconteceu a Roda de conversa e diálogo com o autor e, para finalizar o projeto, a atividade diagnóstica 2, em que as perguntas, criadas no módulo anterior e enviadas pelos alunos, foram respondidas. Esta etapa foi de extrema importância, pois é o momento em que os alunos sentem-se sujeitos da própria história. É nessa parte que acontece efetivamente a aproximação entre autor e leitor, algo tão distante para a maioria leitora.

Aproximar leitor e autor também permitiu que a leitura realizada fosse de gradação, ou seja, estamos acostumados a ouvir que textos literários são, na maioria das vezes, os clássicos da literatura, os quais são de uma linguagem de difícil entendimento, assim como também impossibilitaria o encontro com algum de seus autores, visto que seus textos que foram escritos a partir do século XIX. Compreendendo um autor local como um escritor inserido na mesma comunidade dos alunos que permite o estabelecimento de um diálogo mais próximo favorecendo o letramento literário.

Como foi possível observar pessoalmente e também aparecem nas imagens gravadas, a grande maioria dos alunos se mostrou motivada e participou ativamente da conversa. Além das perguntas já enviadas, os estudantes sentiram-se encorajados e passaram a realizar outras perguntas ao autor, inclusive sobre sua prática leitora, facilidades e dificuldades de leitura.

Durante a semana que antecedeu a visita do autor, por iniciativa de uma jovem, eles mobilizaram-se para recepcionar o autor com um café, como é possível visualizar na Figura 10, no capítulo da descrição da prática. Mais uma demonstração

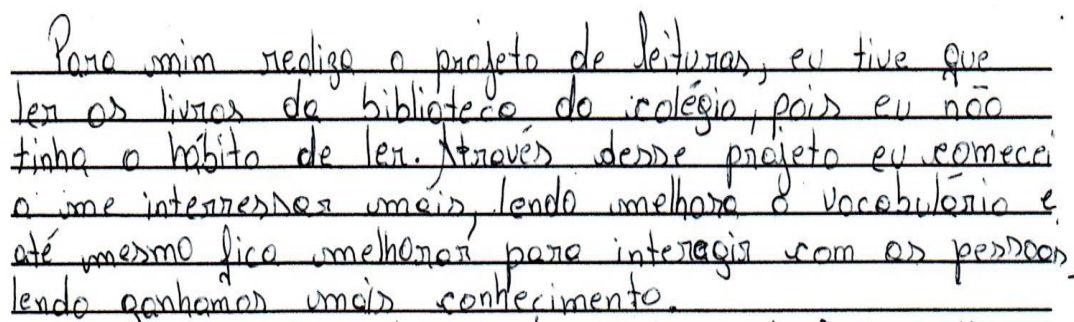
de união e engajamento com o projeto, uma vez que somente alunos motivados ao trabalho proposto seriam capazes de se mobilizar para realizarem uma ação dessa natureza.

- **Atividade diagnóstica 2**

Passado quinze dias da realização da roda de conversa, foi proposto para os jovens um *feedback* do trabalho de incentivo à leitura realizado com eles. A proposta (Anexo 4) foi de uma segunda atividade diagnóstica com o objetivo de descobrir o posicionamento dos estudantes com relação ao desenvolvimento do projeto em sua turma. Essa avaliação trouxe as seguintes perguntas: “*Escreva com suas palavras: como foi para você a realização do projeto de leitura? Você acredita que foi satisfatório para sua formação como leitor? Qual sua opinião sobre o livro proposto para a leitura? Você considera-se um leitor literário?*”

Com relação à primeira e segunda pergunta, todos os alunos relataram que se identificaram com a proposta, acreditando que foi sim, satisfatória para o seu aprendizado. Alguns relataram que após a realização do projeto sentiram-se mais motivados a ler e que entendem a importância que a leitura têm para a nossa comunicação, seja ela através da escrita ou da fala, como podemos ver nos exemplos a seguir:

Figura 13: Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 1)



Para mim realize o projeto de leituras, eu tive que ler os livros da biblioteca do colégio, pois eu não tinha o hábito de ler. Através desse projeto eu comecei a me interessar mais, lendo melhorei o vocabulário e até mesmo fico melhor para interagir com as pessoas, lendo ganhamos mais conhecimento.

Fonte: Autora (2018)

Figura14: Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 2)

Foi muito legal, me interessei muito pelo projeto, conheci o autor Fernando conversamos sobre o livro ele nos contou tudo o que queríamos saber, tirou todas as nossas dúvidas.

Tou acreditado que sim, porque nós precisamos muito de um incentivo para se interessar pela leitura, porque afinal a leitura faz parte de nossa vida.

Fonte: Autora (2018)

Figura 15: Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 3)

eu me identifiquei com o livro, descobri palavras e frases que nunca tinha visto, me apaixonei na história como o personagem tipo a pessoa.

eu acho que foi muito satisfatório pois aprendi muito e me deu novas ideias sobre os livros em geral, drama mistério me fascinam além do livro de detetive livros sem explicações que deixam um ar sombrio, é uma história diferente da outros que me faz entender um pouco por que não consigo entender muito livros com muitas páginas mas foi legal o resultado, pois minha inspiração veio pois quero um dia ser um escritor

Fonte: Autora (2018)

Com relação às respostas da terceira pergunta, referente à opinião deles sobre o livro proposto, a maioria respondeu que se interessou pelo livro, que a temática de mistério e suspense os prendeu na leitura, como vemos abaixo:

Figura16: Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 4)

Está muito bom, e a leitura até onde eu li eu gostei muito, quase cheguei a final dele e gostei muito da história capítulo em capítulos prendeu a gente, liamos um e ficávamos com vontade de ler as outras capitulas, não me considero

Fonte: Autora (2018)

Figura17: Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 5)

até sobre os personagens, o livro era muito bom de ler, não tinha palavras tão difíceis e a história era boa também. Já tinha

Fonte: Autora (2018)

Por último analisa-se a quarta e última pergunta: “Você se considera um leitor?”. Nesta aula 14 alunos realizaram a atividade. Destes, 2 alunos seguem reconhecendo que são leitores; 2 alunos não responderam; e 9 alunos consideram-se não leitores

Observando o que mudou do início para o final do projeto percebemos que a maioria dos alunos respondeu a questão o que ampliou o número de não-leitores, enquanto o número de leitores permanece o mesmo. Como o objetivo do projeto foi motivar os jovens para a leitura, consideramos que o objetivo foi alcançado, pois todos consideraram o projeto interessante, importante para sua formação e interessados em participar de outras iniciativas como essa.

Figura 18 - Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 6)

Pra mim a realização do projeto foi muito legal, pois o projeto 'fez' com que eu lesse livros, coisa que antes nunca fiz, pois achava ruim ficar lendo, hoje em dia até li alguns livros. Sem eu acreditar que foi satisfatório pra minha formação pois como esse antes, nunca gostei de ler e depois me dei conta que a leitura faz parte do nosso dia-dia e às vezes agente tira dúvidas de como se escreve uma palavra, ler é muito bom sim.

Fonte: Autora (2018)

Figura 19 - Recorte da atividade diagnóstica 2 (aluno 7)

Pra mim realizar o projeto foi muito legal, pois antes de participar dele eu não lia nada. Teve livros que eu gostei bastante e foi mais fácil de ler, outros mais difíceis. Foi muito satisfatório fazer parte do projeto e poder mostrar que pra ler não precisa ser uma hábito mas sempre e bem, ler faz não temer conhecimento, vocabulário etc.

Fonte: Autora (2018)

A partir das respostas é possível observar claramente o quão motivados ficaram com a proposta e o quanto os estimulou à buscarem novas leituras. Em suas narrativas fica claro o gosto de estarem participando e o quanto estavam engajados no desenvolvimento da prática, o que garante o sucesso da intervenção pedagógica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após dois anos de estudos, muitas leituras e releituras, de escrita e reescrita, concluímos esse estudo. Foram horas de trabalho significativo e de reflexões acerca de minha prática como docente. Ao vivenciarmos uma investigação que articula teoria e prática, saímos de nossa zona de conforto, do abstrato, e passamos a vislumbrar o concreto. Há a possibilidade de intervir diante da realidade escolar, e isso requer uma grande responsabilidade, no entanto, é encantador, pois aparece diante de nós uma gama de possibilidades de ensino-aprendizagem.

O objetivo geral da pesquisa, como informado na página 14 da introdução foi sensibilizar os alunos à leitura literária dentro da escola pública através da leitura de obras de autores locais, proporcionando a eles momentos significativos de contato com o texto literário e o encontro e diálogo com o autor.

Considero que este trabalho cumpriu com seus objetivos iniciais, visto que foi analisada a execução de uma proposta de metodologia para a leitura de obra literária escrita por autor local, de forma que ela seja motivadora aos estudantes.

Introduzimos pela pesquisa bibliográfica e embasamento teórico, que foi apresentado no capítulo 2 “FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA”. Ao descrever a prática, articulando com os conceitos e autores estudados, buscamos refletir sobre o projeto de intervenção realizado e, por fim, analisamos e discutimos os dados produzidos, conversando com o aporte teórico, resultando na análise apresentada nesta dissertação no capítulo 5 “ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS”. Por último, apresentamos as considerações e os conhecimentos que construímos ao longo desse processo.

É impossível deixar de mencionar as dificuldades que nós professores da rede estadual de educação encontramos para estudar e nos qualificar, pois não há ao menos a possibilidade de uma redução de carga horária para que possamos investir em nossa formação. De fato, é o professor que deve se organizar e tentar conciliar a carga de trabalho com a de estudos, uma vez que muitos professores, como eu, trabalha em mais de uma escola. Confesso que essa situação por vezes me frustrou e fez com que eu pensasse em desistir, pois sentia que sempre um dos compromissos não era cumprido como deveria. Contudo, acredito muito no meu compromisso com a educação e com a construção de formas renovadas de construir com nossos alunos, conhecimentos. Se eu desistisse, iria contra os valores que

aprendi com meus pais e nesta universidade, pela qual tenho grande respeito, desde minha graduação, pois sabemos que alguns sacrifícios são necessários para que alcancemos nossos sonhos e objetivos.

Ao longo do processo de elaboração dessa investigação, relatei a importância do planejamento, talvez esse seja o maior obstáculo a ser encontrado pelo professor, pois muitos aplicam uma atividade que pensam ser interessante, mas, sem o devido planejamento o resultado não se torna relevante. Sabemos que, mesmo com a organização de um planejamento, os projetos são passíveis a erros, entretanto, se estivermos preparados esses equívocos podem diminuir consideravelmente.

Para alcançar êxito nas atividades que propomos em sala de aula é de suma importância que o professor esteja empenhado e motivado. Não há como motivar os alunos se o professor também não estiver. Durante a pesquisa nos embasamos no conceito de professor-leitor-motivador, que consiste em o professor propor aos seus alunos atividades de leitura literária baseadas nas suas experiências leitoras. Portanto é muito importante que o professor seja um leitor, pois os alunos percebem o quanto o docente está motivado ou não com sua prática e isso os contagia, positiva ou negativamente.

Formar leitores literários requer um processo longo. Apesar do projeto “Círculo de Leitura e Diálogo Literário” ter se desenvolvido ao longo de três meses, eu e os alunos na turma analisada temos um caminho já percorrido no decorrer de alguns anos. No ano anterior ao da aplicação da intervenção, no 8º ano, iniciávamos nossa caminhada como alunos e professor. Nessa época passei a desenvolver com eles um projeto de biblioteca itinerante com o objetivo de formar leitores. No ano seguinte, quando estavam no 9º ano, apliquei a intervenção pedagógica elaborada para esta pesquisa e hoje vivenciamos a experiência do 1º ano do Ensino Médio. Portanto, esta pesquisa é apenas parte do caminho que percorremos em busca de formar leitores literários na escola.

Para que se alcance sucesso nas práticas leitoras, propostas em sala de aula, é muito importante que os estudantes estejam engajados na proposta, como aconteceu nessa pesquisa. Apesar das dificuldades que surgiram durante o processo, eles buscaram alternativas para que a intervenção não fosse interrompida. Considero que parte desse engajamento surge da boa relação professor-aluno e da disposição que o educador demonstra para a realização das atividades.

A utilização da obra de autor local também fez com que a proposta fosse bem aceita pelos jovens, uma vez que o autor reside na cidade e dessa forma foi possível realizar um encontro entre aluno e autor. Assim, cabe a nós professores o papel de divulgar a literatura local e contemporânea para nossos alunos, pois é de suma importância que eles saibam que existem escritores em sua cidade e que estes têm bons trabalhos, podendo proporcionar a eles momentos significativos de leitura literária e troca de experiências entre autor e leitor, o que normalmente é algo muito distante.

Diante desses fatores é possível constatar o sucesso da intervenção e entende-se que os objetivos foram atingidos, pois houve engajamento de todos os alunos durante as atividades propostas. Eles puderam refletir sobre sua prática leitora e avaliar o seu grau de leitura, considerando-se ou não leitor literário. Analisando seus relatos das atividades diagnósticas fica evidente o quão motivados ficaram para realizarem novas leituras, após o desenvolvimento da intervenção pedagógica de incentivo a leitura literária.

Acredita-se que, por meio da pesquisa, foi possível compartilhar uma experiência simples e de sucesso, que fez e ainda faz a diferença na vida desses jovens. Hoje continuamos o projeto no 1º ano do Ensino Médio, almejando novas experiências de leitura literária e momentos de troca de experiências com autores. Projetos como esse nos dão a certeza de que podemos reinventar nossa prática dia a dia, saindo do comodismo e nos aventurando por novas trilhas e metodologias de ensino.

Como resultado dessa pesquisa, apresento o produto pedagógico através de uma Unidade de Aprendizagem voltada ao professor com o objetivo de auxiliar o colega educador a propor a seus alunos um contato efetivo com a leitura literária na escola, sendo essa uma constante, contribuindo para o desenvolvimento de projetos pedagógicos que visem o incentivo à leitura literária na escola possibilitando formar leitores críticos e reflexivos, criando espaços para a realização de leituras, trocas de experiências leitoras e aproximação do autor com os leitores.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Traduzido por J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BRAGATO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo, Atica, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. Um debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Brasília: MEC/SEF, 2008.

_____. **Educação pela noite e outros ensaios**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino?** Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015

_____. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1986.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

JOBIM, José Luís, A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K. (orgs) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2006.

MAGNANI, M^a Rosário M. **Leitura, literatura e escola**. A formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MATENCIO, Maria de Lurdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas, Mercado das letras; Autores Associados, 1994.

MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo, Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K. (orgs) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. (Org.). **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologia**. 1 ed. Porto Alegre: SE/DP, 2009

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos: Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1991.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura Literária & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor**. Belo horizonte: RHJ, 2009.

SOARES, Magda Becker. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo, Ática, 1996.

TRAVERSIN, Clarice; BELLO, Edmundo. Leitura, escrita e oralidade como experiência no ensino médio: o que as metodologias de ensino têm a ver com isso?. In: PEREIRA, Nilton; SHÄFFER, Neiva; BELLO, Edmundo; TRAVERSINI, Clarice; TORRES, Maria Cecília; SZEWZYK, Sonia. **Ler e escrever: compromisso no ensino médio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS e NIVE/UFRGS, 2008.

TRIPP, Davi. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

ZILBERMAN, Regina, A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K. (orgs) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

ANEXOS

Produto Pedagógico



Autora: Lusiana Prates Pereira
Supervisores: Alessandro C. Bica e Vera C.
Medeiros

The word "SUMÁRIO" is written in white, uppercase letters inside a blue oval with a white border and a slight shadow effect.

Primeiras palavras.....	03
Literatura e Escola.....	05
Da leitura da palavra à leitura do mundo.....	08
Letramento Literário.....	10
Professor-leitor/mediador.....	12
O Projeto Círculo de Leitura e Diálogo Literário.....	15
Etapas básicas para implementar o projeto de incentivo à leitura Literária.....	17
Referências.....	23
Anexos.....	25



Primeiras Palavras...

Caros colegas Educadores!

Este material apresentado a você é resultado de uma proposta pedagógica de incentivo a leitura literária voltada a formar leitores literários na escola. As atividades aqui descritas podem ser desenvolvidas tanto com os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio. Ele representa o sucesso da aplicação de um projeto de incentivo à leitura literária que se originou em 2012 e vem se moldando conforme as necessidades dos alunos. É parte integrante da dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé que tem como título “A formação do leitor literário a partir de uma intervenção pedagógica apoiada na literatura de autores locais”

O objetivo desse material é auxiliar você, colega educador, para que juntos possamos proporcionar aos nossos educandos um contato efetivo com a leitura literária na escola, sendo essa uma constante, contribuindo para o desenvolvimento de projetos pedagógicos que visem o incentivo à leitura literária na escola, o que possibilita formar leitores críticos e reflexivos, criando espaços para a realização de leituras, trocas de experiências leitoras e aproximação do autor com os leitores.

A preocupação em formar leitores sempre foi muito latente em mim, desde a graduação, passando por toda minha trajetória acadêmica e profissional, onde sempre procurei criar espaços para o livro literário em sala de aula. No entanto foi após o ingresso no Mestrado Profissional de Ensino de Línguas que foi possível refletir sobre as práticas de incentivo à leitura e formação de leitores através do Projeto realizado em sala de aula chamado “Biblioteca Itinerante”. Este foi desenvolvido na escola desde 2012 até 2016 com as turmas concluintes do Ensino Fundamental e Médio quando, a partir dos questionamentos da banca de qualificação do Projeto para o Mestrado, surgiu a possibilidade de mudar um pouco o rumo deste, e assim nasce o “**Círculo de Leitura e Diálogo Literário**”.

A proposta é oferecer uma unidade didática que possa servir como motivação a outros professores criarem um espaço de leitura literária na sua escola, fazendo com que os alunos se interessem mais pela leitura e linguagem literária. A meta é também de compartilhar experiências leitoras, valorizar os jovens que já têm o hábito de ler e atrair novos leitores, aproximar leitor e escritor bem como possibilitar que o jovem leitor seja capaz de fazer a leitura de mundo, pois segundo Freire,

...a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de „escrevê-lo“ ou de „reescrevê-lo“, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1986, p.22)

Neste material, também serão apresentados brevemente alguns estudos teóricos relevantes sobre a importância do incentivo à leitura literária na escola, também um breve relato da aplicação do projeto “Círculo de leitura e Diálogo Literário” e logo uma sugestão de como o projeto pode ser desenvolvido na sua escola por educadores que se interessem pela temática.

Espero que esse material possa contribuir para a uma reflexão sobre sua prática pedagógica e também para que os alunos tenham mais acesso a leitura literária dentro da escola despertando neles o gosto pela leitura e a motivação a buscar cada vez mais narrativas, para no futuro transformar-se em um leitor crítico e reflexivo, principalmente para aqueles em que a leitura não faz parte de seu cotidiano. Este material também pode ser consultado através do link: https://issuu.com/lusianapratespereira/docs/produto_circulo_de_leitura_e_dialogo.

Ai de nós, educadores e educadoras se deixarmos de sonhar sonhos possíveis.

Paulo Freire

Uma ótima Leitura!

Prof^a. Lusiana Prates Pereira

Literatura e Escola

Para entender melhor como se configura a formação de leitores críticos na escola, é necessário apresentar algumas concepções de estudiosos que tratam do assunto e os documentos oficiais que regulamentam a educação no país.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN"s) revelam que a preocupação com o ensino de língua Portuguesa vem sendo discutida desde a década de 70. Segundo o documento, "O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar..." (PCN, 1998, p.17), que ocasiona a repetência dos alunos principalmente nas séries finais do Ensino Fundamental.

Com relação ao trabalho com texto literário em sala de aula,

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p.27)

O documento deixa claro que é de suma importância o aluno ter contato com a literatura, pois ela apresenta as mais diversas particularidades da linguagem, no entanto ressalta que a mesma não deve ser usada como "pretexto" para o ensino da gramática, mas sim para que formem-se leitores críticos, com a capacidade de refletir sobre as sutilezas de um texto literário.

Compreendendo por experiência literária o contato efetivo e significativo com o texto, é indispensável o constante exercício de leitura literária, principalmente na escola e também fora do ambiente escolar. Somente dessa forma o aluno torna-se capaz de produzir uma troca de significados leitor-texto, que possibilite ao educando a formação de um leitor crítico, a ampliação de horizontes de conhecimento, o questionamento e a reflexão. Por isso a posição de leitor é tão importante. É através dela (e somente dela) que se torna possível ter diferentes interpretações de um mesmo texto. Quando há um compartilhamento de impressões sobre determinado

texto - e a escola deveria dar aos alunos oportunidades como essa - é possível manifestar nossa opinião sobre diversos aspectos do texto.

Com relação à formação de leitores na escola, fica o questionamento: E a escola, que leitor está formando? Evidentemente, como pessoas comprometidas com a educação, pensamos que cabe à escola a formação de leitores críticos, e, segundo os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul,

Leitura é interação: o ato de ler implica diálogo entre sujeitos históricos. Desse modo, as atividades de leitura, desde as primeiras etapas escolares, visam ao desenvolvimento de competências que permitam compreender que todo texto tem um autor e, como tal, é a manifestação de um ponto de vista, a partir de um determinado contexto histórico e concreto. (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p.55)

Para fazer com que o aluno tenha interesse e compreenda a linguagem literária, é preciso que haja uma gradação textual, ou seja, primeiramente apresentar ao aluno o que for de certa forma, mais acessível e próximo da sua realidade, para depois, gradativamente, chegar ao mais complexo e distante. É necessário “preparar o terreno”, com narrativas familiares à experiência do aluno, para posteriormente, já com motivação a ler, chegar a Machado de Assis e A Moreninha. É de suma importância que a preparação do leitor aconteça na e pela escola.

É a partir dessa concepção de formação de leitores que é direcionada esta intervenção pedagógica, que acredita na possibilidade de dar início à formação literária dos alunos, através de textos que tenham uma linguagem mais branda. É nesse sentido que é apresentada a literatura de autores locais como uma possível leitura para o início do letramento literário, especialmente em regiões distantes dos grandes centros urbanos como a que se encontra a cidade de Bagé.

Com relação à formação de leitores críticos na escola, o caso é preocupante. Predominam atividades de metaleitura que desconsideram a leitura e privilegiam estudos do texto, mesmo que sua leitura não tenha ocorrido. A escola sobrecarrega os alunos de informações históricas, características de estilos, épocas e acabam deixando em segundo plano a leitura do texto literário ou simplesmente ignorando-a. Segundo os referenciais curriculares,

Especialmente, o professor, em sua prática pedagógica, deve opor-se à concepção de que é preciso primeiro explorar palavras e frases isoladas, para então poder chegar a textos complexos, ou ainda, de que o trabalho sobre o texto se faz sobre suas estruturas gramaticais, tomadas isoladamente, ou sobre seu vocabulário, retirado do texto e discutido fora de contexto, especialmente para análise e classificação. (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p.56)

Ao final, quando contabilizamos os resultados das atividades de metaleitura para a formação de leitores, vemos que tais atividades não ajudam os jovens a interessar-se pela leitura, elas apenas provocam uma reflexão sobre a história das obras e sua estrutura. Quando os alunos ainda estão em fase de formação literária, como é o caso do Ensino Fundamental, é muito difícil fazer com que se interessem por atividades de metaleitura, isso porque, se não lêem os textos, esse tipo de atividade torna-se inútil, gerando desinteresse tanto por esse modelo de estudo quanto pela leitura.

Ainda com relação à prática escolar, é necessário urgentemente motivar os alunos a leituras que tenham para eles uma finalidade imediata, e não necessariamente escolar, possibilitando a ele que se reconheça como leitor e que sinta prazer em executar esse papel, que encontre no ambiente escolar espaço para compartilhar com colegas e professores suas opiniões e impressões de leitura, tornando prazeroso o ato de ler, evitando que esse aluno leia somente por obrigação.

Da leitura da palavra à leitura do mundo

A importância da leitura tem sido tema recorrente entre estudiosos do tema, e um autor que retrata muito bem sua preocupação e pesquisa na área é Freire, que em seu livro intitulado A importância do ato de ler em três artigos que se completam, explora a importância do ato de ler. Ele relata que “o ato de ler” não se limita em decifrar somente a linguagem escrita, mas que vai muito além, onde é possível fazer a leitura do mundo. Segundo ele, a primeira leitura que realizamos ultrapassa a da escrita, pois nossa primeira referência, quando ainda muito pequenos, é o contexto em que vivemos; nossos pais, familiares, nossa casa. De acordo com ele

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe [...]. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (FREIRE, 1986, p.13)

A realidade encontrada nas escolas públicas, com relação a leitura, é preocupante, pois os estudantes apresentam um frágil repertório, o que dificulta ainda mais o seu interesse em ler. Isso acaba ocorrendo pela forma com que a leitura literária é tratada na escola, acredita-se que para formar cidadãos democráticos seja necessário trabalhar em aula única e exclusivamente com textos jornalísticos para que esse sujeito seja capaz de ler jornais, de assinar contratos, ler anúncios, procurar emprego, no entanto a leitura literária também é fundamental para isso. Nessa perspectiva, Marisa Lajolo no livro “Do mundo da leitura para a leitura do mundo” nos diz que a leitura literária é fundamental no currículo escolar, pois para que o sujeito possa exercer plenamente sua cidadania é preciso apoiar-se na linguagem literária.

Para que o aluno possa chegar ao nível de leitor maduro, é necessário que seu repertório de leituras seja vasto e para isso é necessário criar o gosto, o hábito, que segundo a Lajolo se assemelha a qualquer hábito de higiene ou de alimentação, pois ele deve ser repetido sagradamente todos os dias, semanas, meses. No entanto para que isso ocorra é necessário que os professores que mais diretamente são responsáveis pela leitura em sala de aula sejam de fato leitores. Este deve estar

envolvido com a leitura e apreciar o que lê. Infelizmente não é a realidade da maioria desses profissionais. Simplesmente jogam a responsabilidade da leitura para os estudantes sendo que estes não têm nenhum incentivo por parte dos seus professores, visto que transparecem aos estudantes sua falta de interesse pela leitura.

Ao posicionar-se como um educador engajado com a formação do seu aluno é importante rever e refletir sobre sua prática, para ter a certeza se o que leva para a sala de aula condiz com o ensino-aprendizagem que deseja. Não existe aprendizado sem motivação, um estudante que não vê seu professor como um leitor não se sentirá motivado a ler, portanto é imprescindível que os professores construam um bom repertório de leituras para que possam indicá-los aos seus educandos. Todavia a realidade encontrada é de professores desinteressados pela leitura e quando fazem alguma leitura apresentam uma “pobreza de repertório” (idem, p. 108)

Quando falamos em criar o hábito, em ter o gosto pela leitura, isso também reflete a forma com que o professor costuma apresentar a leitura literária em sala de aula. Segundo a autora a escola precisa ter um espaço maior possível de liberdade para a leitura. A leitura só é livre se houver o respeito nos momentos de iniciação de envolvimento do estudante com os livros literários. Forçar a todos da turma ler o mesmo livro pode fazer com que o jovem sinta-se ainda mais desmotivado a ler, pois isso engessa as possibilidades de interesse do educando.

É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daqueles alunos, ou que se trata de um tema que interessa aquele tipo de criança: a relação entre livro e faixas etárias, entre faixas etárias, interesses e habilidades de leitura é bem mais relativa do que fazem crer pedagogias e marketing. (LAJOLO, p.108, 109)

Letramento Literário

Parafraseando Cosson e Paulino, no artigo “Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola”, a leitura de obras literárias cumpre um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano, tanto no sentido de favorecer o trato com a escrita quanto no de educar os sentimentos e favorecer o entendimento das relações sociais, e está na base das preocupações e iniciativas. Neste estudo, os autores tratam o exercício da leitura como “letramento literário”, que pode ser caracterizado como “[...] um conjunto de práticas sociais” que podem ser inferidas dos eventos que são mediados por textos escritos” (BARTON; HAMILTON apud COSSON; PAULINO, 2009, p. 65)

De acordo com os autores, é possível definir letramento literário como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (COSSON; PAULINO, 2009, p.67). Com isso, convém dizer que, em primeiro lugar ao considerar o letramento literário como um processo, significa compreendê-lo como um permanente estado de transformação, ou seja, que tem uma continuidade, não podemos visualizá-lo somente como uma habilidade que se aprende assim como se aprende a dirigir, a nadar, ou como se aprende uma regra importante da matemática.

O letramento literário não tem início e fim na escola, é uma aprendizagem de toda a vida que se renova a cada leitura. Sendo assim, trata-se de encarar a literatura não apenas como uma coleção de textos, e sim como um “repertório cultural” que proporciona ao aluno uma forma singular de construção do sentido. Segundo eles, na escola, este letramento deve ter por objetivo a formação de um sujeito da linguagem capaz de produzir textos e de interagir com a literatura. Este sujeito deve também apropriar-se da literatura como instrumento de auxílio na construção literária de sentido, constituindo um letramento literário dentro e fora da escola.

Sabemos que há uma variedade de letramentos quando pensamos no processo de construção dos sentidos, entendendo que é um processo social capaz de capacitar indivíduos de se engajar no “seu mundo” ampliando sua capacidade de influenciá-lo. Porém, de acordo com os autores, o letramento literário é de uma tal singularidade que se efetiva através de dois essenciais procedimentos:

O primeiro deles é a interação verbal intensa que a apropriação da literatura demanda. A leitura e a escrita do texto literário operam em um mundo feito especialmente de palavras, e por essa razão, uma integração mais profunda com o universo da linguagem se torna necessária. Ler e escrever literatura é uma experiência de imersão, um desligamento do mundo para recriá-lo ou, antes, uma incorporação do texto semelhante ao ato de se alimentar, [...]. O segundo procedimento, que se efetiva dentro do primeiro e dele não se pode ser dissociado, é o (re)conhecimento do outro e do movimento de desconstrução/construção do mundo que se faz pela experiência de literatura em semelhança ao que Miall e Kuiken localizaram como “transformações reinterpretativas”, ainda que consideremos que, afora as transformações, contam também as negociações, as adesões e outros processos de interação cultural (COSSON; PAULINO, p.68, 2009).

É dessa forma que a literatura permite que o indivíduo viva e identifique o “outro” através da e na linguagem, podendo assim incorporar a experiência do “outro” pelo texto, tornando a leitura um espaço privilegiado de construção de sua identidade. A experiência da leitura literária também amplia e fortalece tal processo ao oferecer ao leitor infinitas possibilidades de ser o outro e ao mesmo tempo ser nós mesmos. Por isso é muito importante que os primeiros contatos do aluno com o texto literário aconteçam de forma desejada, através de textos que façam sentido a esse leitor, trazendo uma linguagem próxima a de seu meio e que através das palavras, possa recriar situações vividas pelos personagens das obras, mesmo que passadas em um tempo e espaço distantes do seu.

A experiência da leitura literária pode, de forma diferenciada e singular, dar sentido a nossa vida e ao mundo que nos rodeia, e, por isso o contato de sujeitos que estão em fase de formação educacional e intelectual com a literatura é tão importante. Por esse motivo, o letramento literário deve ser concebido como um “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (COSSON; PAULINO, 2009, p. 70), portanto, para que ocorra o letramento literário, o aluno deve ter um contato constante e efetivo com o texto literário, sendo tarefa do professor promover momentos para isso, além de a escola oferecer biblioteca, ou pelo menos um espaço na sala de aula onde os alunos possam manusear e escolher obras para sua leitura.

Professor-leitor/mediador

Espera-se que o professor atue como um guia, conduzindo seus alunos a trilhar caminhos que os levem ao hábito de ler. No entanto, para que possam trilhar este caminho a motivação não deve vir somente da escola, é de suma importância também o envolvimento da família, ou seja, para formarmos leitores é preciso motivá-los, contagiá-los, seja através de familiares, amigos ou pelo próprio professor, mostrando-os que ler não é somente um entretenimento, mas sim uma necessidade, assim como o ar para a nossa sobrevivência. Ao avançar em suas leituras que o leitor vai se tornando mais experiente, mais crítico e desenvolvendo discussões sobre o que foi lido.

No Ensino fundamental I (do 1º ao 5º ano), os professores se esforçam muito para o desenvolvimento de projetos voltados à formação do leitor literário, no entanto, passado o primeiro contato com a linguagem escrita, se instala o fracasso na relação aluno-livro, fruto das práticas do professor, que após a etapa de alfabetização, reforça aspectos negativos sobre o livro e leitura. Isso acontece, pois os estudantes são expostos a textos fragmentados ou passam instantaneamente para textos com uma linguagem mais rebuscada, de modo que logo o aluno “passa a ser mais um não leitor em formação”. (KLEIMAN, 1993, p. 16)

Dessa forma, muitas abordagens escolares são derivadas de concepções de ensino e aprendizagem que partem do princípio de que, ao conhecer a estrutura da escrita, sua organização, seus princípios fundamentais, incluindo sua relação com o oral, o aprendiz estará apto para o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita. Porém, dessa forma a leitura significa apenas o exercício da codificação e decodificação mecânica e da repetição, essa metodologia apenas implica em uma consequência: a escola consegue ensinar os jovens a ler, no entanto não os forma leitores.

Diante disso, volta-se novamente para o termo “letramento”, que vem da palavra inglesa *literacy* e que significa “estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 1996, p.2) ou “Conjunto de práticas discursivas, formas de usar a linguagem e fazer/retirar sentido pela fala e pela escrita, que relacionam a visão de mundo das comunidades, suas crenças e valores particulares” (MATENCIO, 1994, p. 20). De forma mais adequada o termo “letramento” atende de forma mais adequada

ao que a sociedade exige do aluno ao final de sua trajetória escolar, correspondendo à apropriar-se e desenvolver práticas sociais de leitura e escrita.

De acordo com Maia (2007) quando se fala em leitura literária, é impossível não pensar em “prazer na leitura” e “gosto pela leitura”, no entanto a prática na escola tem sido alvo de várias críticas de autores que abordam esse assunto, aqui já citados. É unânime que o professor como mediador entre aluno e o livro literário, tem intermediado pouco ou simplesmente não o faz. É fato que o repertório de leituras dos professores (tirando algumas exceções) é extremamente restrito, abrangendo em sua grande maioria uma literatura pedagógica ultrapassada e os fragmentos encontrados nos livros didáticos, a exemplo da seguinte afirmação:

Sempre tendo em mira possíveis exceções e o caráter dialético da realidade escolar, o que nos impede de realizar generalizações apressadas, podemos afirmar que o universo da leitura do professor brasileiro é extremamente restrito, abrangendo, na maioria das vezes, tão somente uma literatura pedagógica esclerosada (parada no tempo) e os fragmentos contidos nos livros didáticos (SILVA, 1991, p. 25)

Lajolo já nos enfatizava que um professor precisa ter o hábito da leitura, precisa gostar de ler e ler muito, ou seja deve ter familiaridade com uma variedade de textos, deve ter maturidade enquanto leitor, ter construído significados, ter sua própria história de leitura, pois essas condições são primordiais para um bom desempenho como mediador da relação entre leitor-texto. Portanto o professor-mediador deve ser convincente ao tratar da leitura, irá persuadir pelo seu exemplo de leitor, pois a fonte de interesse do jovem pelo livro pode estar no professor “que se revela apaixonado pela leitura” (MAIA, 2007, p.37)

Nesse sentido, Bragatto Filho escreve o estatuto do “professor-leitor” que “terá mais condições de despertar, nos seus alunos, o interesse e o prazer pela leitura do que aquele que não lê ou prestigia muito pouco as aulas de leituras” (BRAGATTO FILHO, 1995, p. 86). Para o autor, o professor deve conhecer a natureza do texto literário, sua essência, seu potencial e sua universalidade, segundo ele é necessário que a relação a ser estabelecida aluno/leitor/livro seja de liberdade, permitindo o confronto de idéias, um diálogo com profundidade, construindo assim uma relação afetiva e efetiva com o livro literário.

Não há como incentivar alguém se o próprio incentivador não tem motivação para tal, no entanto inúmeros professores que não são leitores tentam produzir em suas aulas momentos de leitura para seus alunos, sem sucesso. A propaganda

sobre a leitura, feita aos alunos, soa falsa, uma vez que eles próprios não acreditam nela e os alunos percebem a incoerência. Portanto o problema de leitura está muito mais atrás, na formação leitora dos professores, e mesmo que tarde, precisa ser recuperada. Mas como seduzir crianças e jovens para a leitura? Como deve ser a atitude de um professor/mediador de leitura frente a um grupo de futuros leitores?

Segundo Silva, nós professores podemos buscar na obra infantil de Monteiro Lobato um modelo a seguir. Em seu livro intitulado “Leitura Literária e outras Leituras” ela faz uma comparação com a forma como Dona Benta, de “O sítio do Picapau Amarelo”, incentivava as crianças a ler.

Em primeiro lugar, Dona Benta tinha a preocupação de democratizar o acesso ao saber. Isso se manifesta de dois modos. O primeiro é trazendo jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, bem como livros nacionais e estrangeiros para o meio rural; e o segundo é chamando os moradores do sítio para compartilharem os serões. [...] Paralela a correlata democratização do saber, Dona Benta procurava despir-se de autoritarismo. Nos seus serões, permitia que os ouvintes tivessem uma participação ativa, deixando que escolhessem suas preferências, que opinassem, que tecessem críticas, emitissem opiniões. Ela sabia ouvir, uma qualidade tão importante quanto saber ler. (SILVA, 2009, p. 31)

Dona Benta ainda apresentava uma terceira característica ao seu comportamento de leitora – a adequação da linguagem e dos temas ao nível de compreensão dos ouvintes, que era a forma como se reunia com a platéia. Nos livros de Lobato Dona Benta costumava acomodar-se em uma cadeira de pernas curtas, dessa forma ela fica mais baixa, ou seja, desce ao nível dos seus netos. Nessa atitude consegue igualar-se a eles em altura o que diminui também a posição superior que, naturalmente, exerce na família como matriarca, da mesma forma que abrandava a linguagem e o tratamento dos assuntos de suas leituras ao nível de compreensão dos ouvintes.

Dessa maneira, Dona Benta procura democratizar o acesso ao saber e despe-se de atitudes autoritárias ao levar o leitor/ouvinte a uma compreensão efetiva do texto lido pela adequação de tema e linguagem. É essa democratização e adequação que devemos realizar em nossas práticas de leitura em sala de aula. Ao despir-se de autoridade e sentar ao lado do seu aluno, ele sente-se confortável para ler, questionar, levantar hipóteses, pois este enxerga o professor/leitor como ele, ao seu nível de conhecimento e compreensão e não um detentor do saber.

Círculo de leitura e Diálogo literário

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que se desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábito que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. (CHARTIER, 1998, p. 77).



O projeto **Círculo de Leitura e Diálogo Literário**, realizado no Colégio Estadual Waldemar Amoretty Machado, da cidade de Bagé no RS, tem como seus principais objetivos:

- Disponibilizar aos docentes de Língua Portuguesa da educação básica um roteiro de atividades de estímulo à leitura literária de obras de autores locais;
- Possibilitar reflexões capazes de promover a articulação entre teoria e prática nos movimentos de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa, priorizando o incentivo à leitura literária através de obras de autores locais e proporcionando momentos de diálogos com o autor.

O projeto **Círculo de Leitura e Diálogo literário** surgiu das experiências vividas em um projeto de leitura realizado por mim desde 2012, intitulado Biblioteca Itinerante. À época, este projeto surgiu da minha inquietação sobre a falta de interesse dos alunos pela leitura literária em aula. Dessa forma, comecei a buscar estratégias para o acesso desses estudantes à leitura, visto que não havia profissional capacitado para trabalhar na biblioteca, não podendo liberar o acesso dos estudantes para a escolha de obras literárias. Assim, juntamente com os alunos, decoramos uma caixa de papelão e através de uma conversa com os jovens sobre suas preferências, busquei as obras que mais se adequassem às suas expectativas e as coloquei na caixa para circulação em sala de aula. Essa formatação continuou até meu ingresso no programa de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas (MPEL), onde, através de leituras e reflexões acerca da formação do leitor literário, o projeto ganhou a forma que tem hoje.

Etapas Básicas para a implementação do projeto

Caro Educador!

Aqui descrevo como podemos organizar o trabalho a ser realizado. Para isso é extremamente necessário o **planejamento das atividades**. Todo esforço do professor se torna em vão se o planejamento não estiver de acordo com a realidade do aluno, ou se as atividades não tiverem uma sequência adequada.

MÓDULO I: Socialização do projeto e sensibilização sobre a importância da leitura

Duração:
3 períodos de
45min

Esta primeira atividade tem o objetivo de sensibilizar e familiarizar o estudante com a proposta de intervenção, que é de incentivo à leitura literária na escola. Para a realização dessa atividade será necessário:

- 1º Buscar um **filme** que apresente uma temática envolvente com relação ao **poder transformador da leitura**;
- 2º **Solicitar** aos alunos que, durante o filme, façam **anotações** sobre aspectos relativos à leitura que considerem importantes, para realizar uma reflexão ao final da atividade.
- 2º Estimulá-los a fazer uma **retomada** do filme assistido.

Sugestão de filme:

“Escritores da Liberdade”



SINOPSE E DETALHES

Uma jovem e idealista professora chega a uma escola de um bairro pobre, que está corrompida pela agressividade e violência. Os alunos se mostram rebeldes e sem vontade de aprender, e há entre eles uma constante tensão racial. Assim, para fazer com que os alunos aprendam e também falem mais de suas complicadas vidas, a professora Gruwell (Hilary Swank) lança mão de métodos diferentes de ensino. Aos poucos, os alunos vão retomando a confiança em si mesmos, aceitando mais o conhecimento, e reconhecendo valores como a tolerância e o respeito ao próximo.

<https://www.netflix.com/watch/70053462?trackId=14170056&tctx=1%2C0%2C9f30249e-bc13-44fb-af75-b360dd435951-52862515>

Observação: para esta etapa é importante ter um local apropriado para a projeção e conversa sobre o filme.

MÓDULO II: Atividade diagnóstica

Duração:
1 período de
45min

A segunda atividade tem como objetivo fazer um *feedback* do filme assistido no módulo anterior, para que os estudantes exponham suas impressões, curiosidades e reflexões sobre o que assistiram. Para isso será necessário:

10

Realizar uma **atividade diagnóstica** para averiguação sobre o nível de leitura dos estudantes.

Sugestão de perguntas para a atividade diagnóstica:

- Qual seu envolvimento com a leitura.
- Você se considera um leitor?

- Que tipo de leitura costuma realizar?
- Já leu algum livro ou parte de um, ou tem alguma leitura favorita? Diga qual e quais foram suas impressões de leitura.
- Em caso negativo, não considera-se um leitor, ou não costuma realizar nenhum tipo de leitura, tente dizer porque a leitura ainda não o chama a atenção ou não gosta de ler.

MÓDULO III: Conhecendo os autores locais e suas obras

Duração:
2 períodos de
45min

Essa etapa da intervenção pedagógica consiste na apresentação do autor e sua obra para a realização do projeto. Para isso será necessária a organização e planejamento prévio acerca do conteúdo sobre o autor e a obra que será lida. Em vista que o projeto prevê, para último módulo, um encontro com o autor, é extremamente importante que você, colega educador, entre em contato com esse escritor, fale sobre a consistência do projeto e o convide para visitar sua escola, e realizar o encontro com os alunos. Esse encontro é de suma importância para o projeto, porque partimos da convicção de que o diálogo leitor-autor motivará os alunos a realizarem outras leituras.

Portanto, alguns passos são importantes para a realização desse módulo:

1º

Faça uma **pesquisa** sobre a vida e obras do escritor;

2º

Crie uma **apresentação em Power Point ou Prezi** com informações importantes sobre o autor e suas obras;

3º

Organize sua apresentação de acordo com o tempo disponível em aula para a atividade e reserve alguns minutos para realizar a **leitura** do primeiro capítulo do livro junto com seus alunos.

Sugestão: reserve de 15 a 30min da aula para a leitura do capítulo.

Sugestão de livro:

Em minha intervenção pedagógica, utilizei o livro **Hotel Califórnia, de Fernando Risch**, autor local Bajeense.

Observação:

Caso sua escola não conte com exemplares suficientes para os estudantes, aproveite o encontro que terá com o autor para a apresentação do seu projeto e peça a ele uma versão em PDF para o compartilhamento entre os estudantes. Estabeleça a criação de um grupo, a partir de uma rede social que seus alunos utilizem, para compartilhar o livro.

Sugestão: Whatsapp (Aplicativo de compartilhamento de mensagens)

**SINOPSE**

Inspirado na famosa música Hotel California da banda norte-americana The Eagles, o livro homônimo recria de forma romantizada a história obscura por trás do hit. Citando de forma linear a letra parafraseada da canção no desenvolvimento da obra e interpretando-a através de teorias sobre sua origem, Fernando Risch conta a história de Johnny Eagle, um fora da lei que, em uma noite de cansaço, se hospeda em um hotel de beira de estrada e vê seu presente colidindo com seu passado, remontando sua vida, enquanto tenta entender os enigmas do local. Entre teorias sobre manicômio, inferno e vício em drogas, as obscuridades de Hotel California remontam uma história de mistérios que parece não ter fim.

MÓDULO IV: Carta ao escritor

Duração:

15 a 30min

Nesta etapa, a aula deve ser destinada para a criação de perguntas sobre o livro escolhido para a leitura, baseadas nas curiosidades e reflexões dos alunos a cerca da narrativa lida. Essas perguntas serão encaminhadas para o autor para a realização da atividade do próximo e último módulo. A seguir, alguns passos necessários para a realização dessa atividade:

1º

Reserve os minutos iniciais da aula para a **explicação da atividade**;

2º

Estabeleça uma forma de **compartilhamento e envio** das perguntas para o autor;

3º

Acerte **previamente** com o autor, uma forma de envio das perguntas a ele.

Sugestões:

- Durante o encontro que você fará com o autor para a apresentação do projeto, já deixe estipulado o meio de envio das perguntas, realizadas pelos alunos, para ele;
- Peça aos alunos que utilizem o mesmo grupo de Whatsapp já criado, para enviar a você as perguntas que farão para o autor, que você deverá encaminhar posteriormente a ele.

MÓDULO V: Roda de conversa com o autor

Duração:
2 períodos de
45min

A Roda de Conversa é uma possibilidade metodológica para uma comunicação dinâmica e produtiva entre alunos adolescentes e professores. Essa técnica apresenta-se como um rico instrumento para ser utilizado como prática metodológica de aproximação entre os sujeitos no cotidiano pedagógico. “[...] é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26).

Neste último módulo, o objetivo é de aproximar autor e leitor, realizando a roda de conversa com o autor escolhido. Para acontecer efetivamente esse diálogo literário, é de suma importância realizar as atividades dos módulos anteriores, pois são partes complementares desse desfecho. Assim, alguns passos são de extrema importância para a realização dessa etapa:

1º

Marque previamente com o escritor o **dia e horário** da realização da roda de conversa;

2º

Reserve com antecedência o local que será realizada a atividade;

Peça

3º

ajuda dos alunos e **organize** o espaço;



Inicie a roda de conversa apresentando o autor e **justificando a sua presença**;



Deixe que os alunos sejam protagonistas dessa etapa e conduzam o diálogo. Se necessário, promova interrupções, perguntas e indagações com o objetivo de **enriquecer a experiência**.

Sugestões:

- Procure desenvolver seu projeto com um autor que seja acessível, ou seja, que resida em sua cidade, para que seja possível a realização do encontro.
- Como avaliação do seu projeto, dê um tempo de afastamento (sugiro uma semana ou quinze dias) para que os jovens possam refletir sobre o que realizaram e aplique uma segunda atividade diagnóstica, com o objetivo de identificar o sucesso ou não do projeto, bem como avaliar os pontos positivos e negativos da proposta.

Sugestões de perguntas para a 2ª atividade diagnóstica:

- Como foi para você a realização do projeto de leitura?
- Você acredita que foi satisfatório para sua formação como leitor?
- Qual sua opinião sobre o livro proposto para a leitura?
- Você considera-se um leitor literário?

Referências / Bibliografia consultada/recomendada:

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Traduzido por J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1996.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Brasília: MEC/SEF, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 4ª ed. v.1. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. **Educação pela noite e outros ensaios**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino?** Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1986.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

TRAVERSIN, Clarice; BELLO, Edmundo. **Leitura, escrita e oralidade como experiência no ensino médio: o que as metodologias de ensino têm a ver com isso?**. In: PEREIRA, Nilton; SHÄFFER, Neiva; BELLO, Edmundo; TRAVERSINI, Clarice;

TORRES, Maria Cecília; SZEWZYK, Sonia. **Ler e escrever: compromisso no ensino médio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS e NIVE/UFRGS, 2008.

ZILBERMAN, Regina, A escola e a leitura da literatura. In:ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K. (orgs) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

Registros Fotográficos

Figura 1: Filme “Escritores da Liberdade”



Fonte: Autora (2018)

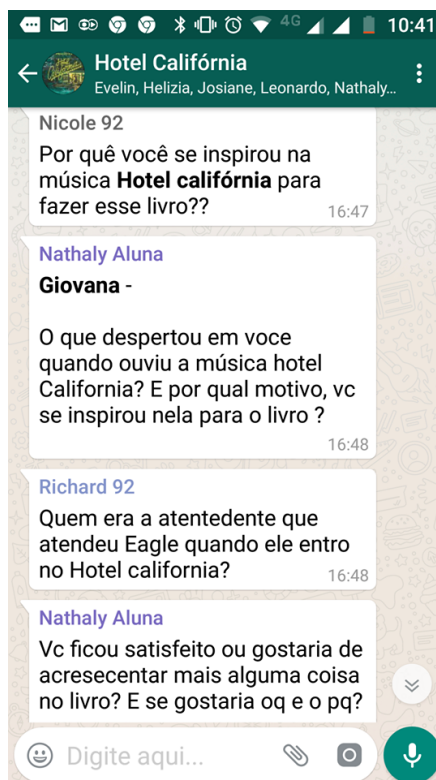
Figura 2: Aula expositiva sobre autor e obra



Fonte: Autora (2018)

Figura 3: Grupo criado para compartilhamento do livro

Fonte: Autora (2018)

Figura 4: Perguntas destinada ao autor

Fonte: Autora (2018)

Figura 5: Diálogo Literário



Fonte: Autora (2018)

Figura 6: Registro fotográfico com o autor



Fonte: Arquivo (2018)

Figura 7: Passeio pela Biblioteca



Fonte: Autora (2018)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____,
portador(a) de cédula de identidade nº _____,
CPF nº _____ **autorizo** a Prof^a Lusiana Prates
Pereira a gravar (em áudio, vídeo e fotos) e utilizar para fins didáticos, de pesquisa e
divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições, a imagem do (a)
aluno (a) _____
durante as aulas do seu projeto de pesquisa para o Mestrado em Ensino de Línguas,
realizado na Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé - RS.

Fica ainda **autorizada** de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a
cessão de direitos de veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de
remuneração.

Bagé, _____ de _____ de 2017

Assinatura do responsável

Diário Reflexivo

Bagé, 15 de Junho de 2017

Hoje foi realizada a apresentação formal de projeto de Formação de Leitores, desenvolvido para o mestrado, ao público alvo escolhido para a aplicação do mesmo. Escolhi para o desenvolvimento das atividades os alunos do 9º ano, turma 92.

Primeiramente os alunos foram encaminhados até a “Sala Vip” (local da escola desenvolvido para a utilização de multimídias) para que fosse realizada uma conversa inicial a respeito do projeto e para assistirem o filme “Escritores da Liberdade”, que será o elemento sensibilizador para o desenvolvimento do projeto. No entanto, ao chegar na escola, fui comunicada que havia uma professora doente e que dessa forma eu teria que assumir as aulas dela ao mesmo tempo que daria as minhas. Essa é uma situação corriqueira na escola e que é muito prejudicial ao ensino-aprendizagem dos estudantes, pois não acontece ensino e muito menos aprendizagem, os professores vão de um lado para o outro tentando controlar as turmas e nenhuma aula é ministrada com eficiência.

Por isso, houve um atraso ao iniciar a atividade pois precisei organizar o material para a turma do 8º ano e deixar uma aluna encarregada de passar o conteúdo (que foi organizado de última hora pois não teria aula com aquela turma nesse dia) no quadro. Diante disso me choca a falta de sensibilidade e organização por parte da equipe gestora da instituição uma vez que estão cientes do desenvolvimento do projeto na escola e parece não haver interesse em apoiar, nem mesmo para que não haja interrupções nos momentos em que as propostas e atividades estejam em andamento, já que a escola não demonstra interesse em ser parceira, apesar de cobrar das professoras durante as reuniões pedagógicas, intervenções e soluções para a falta de leitura significativa dos alunos.

O início das aulas deve acontecer às 13:20min, no entanto a aula iniciou-se às 13:45. É importante ressaltar que a atividade programada não seria concluída sem a colaboração da professora de matemática que teria o quarto período e que cedeu 15 min da sua aula para que eu pudesse concluir a atividade planejada para o dia.

Logo após encontrada a solução para a situação inicial, comecei a apresentação do projeto, situando-os sobre a intenção e objetivos das atividades propostas durante a realização da intervenção. Os alunos ficaram atentos e não fizeram questionamentos. Em seguida entreguei a eles um termo de autorização de uso de imagem, pois será necessário gravar algumas atividades. Eles deverão entregar no próximo encontro. Em seguida os alunos começaram a assistir o filme.

Durante o filme os alunos se mantiveram atentos sem precisar de nenhum tipo de intervenção. Ao final, pedi aos alunos que realizassem anotações sobre pontos importantes do filme para discutirmos no próximo encontro.

Bagé, 20 de Junho de 2017

Durante essa semana não será possível realizar as atividades do projeto, pois fui diagnosticada com pneumonia e ficarei afastada no mínimo uma semana da escola para tratamento.

Espero que esse tempo não prejudique muito a sequência do projeto uma vez que haverá uma ruptura importante entre a primeira etapa e a segunda que é a realização de uma conversa sobre o filme assistido nas aulas anteriores.

Bagé, 28 de Junho de 2017

Após uma semana de afastamento decorrido por uma pneumonia, hoje foi realizada a conversa sobre o filme “Escritores da Liberdade. Os alunos iniciaram a atividade em pouco tímidos, talvez pela gravação das atividades. Procurei posicionar a câmera ao fundo da sala de aula para minimizar um possível constrangimento.

Aos poucos os alunos foram se familiarizando com a situação e a atividade foi se desenvolvendo como o esperado. (Antes de começar a atividade, a maioria dos estudantes entregou o termo de autorização de imagem encaminhado para a assinatura dos pais)

Durante a realização da conversa e sensibilização sobre o filme os alunos foram lembrando as situações que mais os chamaram a atenção; em alguns momentos isso aconteceu com a minha intervenção. Foi um momento de troca de informações e interpretações com relação a transformação daqueles jovens do filme através da leitura. Percebi que os estudantes ficaram mais motivados e curiosos em relação aos próximos passos do projeto.

Pude perceber que os alunos só se tornaram desmotivado porque os professores, em sua maioria não têm a iniciativa de realizar práticas eficazes que promovam o envolvimento dos estudantes. O exemplo é muito importante, somos o espelho para esses jovens. Se estivermos desmotivados, desinteressados, não conseguiremos nada.

Ao final da sensibilização entreguei a eles a atividade diagnóstica pensada e elaborada para buscar informação sobre o envolvimento dos jovens com a leitura. Pedi a eles que fossem sinceros na escrita de seu texto. A atividade era escrever um texto relatando o seu envolvimento com a leitura e suas experiências, fossem elas positivas ou negativas. No caso de positivas, peço que descrevam uma experiência de leitura que tenha marcado sua vida e pergunto também se eles consideram-se leitores. Deixei o tempo de um período para a realização da atividade.

Notei que durante a realização da atividade alguns alunos se sentiram um pouco desconfortáveis com a questão da escrita, usando pouco espaço do reservado para a resposta, enquanto outros usaram todo e ainda pediram para usar a parte de trás da folha. Sei que para alguns alunos expressar-se através da escrita é um pouco dificultoso, mas espero que nessa atividade seja possível conseguir os dados preliminares sobre o envolvimento desses estudantes com a leitura, para que assim seja possível mais a frente comparar com os dados que serão obtidos ao final da aplicação da intervenção.

Bagé, 04 de Julho de 2017

Hoje ao iniciar a aula encaminhei os estudantes até a Sala Vip pois usaríamos o *Data show* que já havia deixado preparado durante a manhã. Para minha surpresa, ao entrar na sala não havia nada dos equipamentos que eu havia deixado, então deixei os alunos se acomodando e fui até a sala da vice-direção saber o que

havia acontecido e foi aí que começaram algumas situações um tanto desagradáveis do dia. Ao chegar na sala e perguntar sobre o material que havia deixado fui informada que uma funcionária havia desmontado pois outro professor precisaria. Fiquei extremamente chateada, pois havia combinado na semana anterior o uso da sala e dos equipamentos e como que prevendo que “alguém esqueceria” deixei um bilhete pela manhã em cima da mesa. Enfim não tiveram o mínimo de consideração e respeito pelo meu trabalho, assim eu precisei arrumar uma outra forma de realizar a atividade conectando meu note diretamente à TV da sala. Não seria o ideal pois a tela não é muito grande, mas diante do fato foi o possível a fazer.

Essa etapa da intervenção pedagógica consiste na apresentação da vida e obra do autor escolhido para a realização do projeto. Estando todos já acomodados, iniciei a atividade com 30 minutos de atraso refletindo um pouco sobre as etapas anteriores do projeto e a partir deste ponto comecei a falar sobre autor e suas obras, e a segunda situação desagradável apresentou-se, o note travou e os slides não passavam, mesmo eu tendo testado várias vezes antes da aula. Foi necessário reiniciar o computador para que voltasse a funcionar novamente. Finalmente iniciada aula apresentei os dados relevantes sobre o autor e obra enquanto os alunos mostravam-se atentos.

Logo após apresentei a capa do livro “Hotel Califórnia” que será utilizado para a realização dessa intervenção, fazendo um gancho, apresentei a música Hotel Califórnia e sua tradução mais fiel a que encontrei para que despertasse um pouco mais a curiosidade dos jovens com relação ao livro que devem ler. Nesse momento a terceira situação desagradável, o vídeo rodava mas não saía o som, mais uns dois minutos perdidos até solucionar o problema do áudio. Ao final da música surgiram alguns questionamentos aleatórios em conversa paralela dos alunos sobre a possível fidelidade do texto à música que haviam acabado de ouvir.

Nesse momento convidei-os então para uma leitura coletiva do primeiro capítulo do livro, ou uma parte dele, o que fosse possível no tempo de aula que ainda restava (foram utilizados dois períodos). Os alunos fizeram a leitura através da tela da tv juntamente comigo, atentamente, e assim aconteceu até o final do capítulo que graças a Deus coincidiu com o final do período de aula. Na saída para o recreio pude ouvir de vários estudantes sobre a vontade que os despertou em seguir a leitura do livro.

Preciso relatar que a dinâmica inicial de leitura dos livros mudou bastante pois inicialmente (na etapa de organização do projeto) havia pensado em os alunos buscarem os três exemplares que havia na escola para a leitura, que houvesse uma troca entre eles, poderiam fazer Xerox, quem pudesse ou quisesse, também poderia adquirir um exemplar, no entanto não aconteceu nada do esperado, pois os exemplares que em outra ocasião o autor havia doado para escola simplesmente sumiram e ninguém sabia deles, dessa forma me vi de mãos atadas. Foi então que em um desabafo com uma colega do mestrado ela me deu a idéia de usar uma versão em PDF e foi aí que o autor se aproximou mesmo do projeto. Procurei-o, expus a realidade do projeto e ao que eu havia esbarrado e ele gentilmente pediu meu e-mail e whatsapp e me enviou a versão em PDF do livro e de mais duas de suas obras, dessa forma a dinâmica de leitura mudou e eu precisava ver como esses estudantes conseguiriam realizar a leitura.

Foi então que uma das alunas prontamente se mobilizou para criar um Grupo de conversas no Whatsapp para que eu pudesse mandar a eles o PDF do livro. Fiquei surpresa com a atitude e ao mesmo tempo aliviada por ainda haver a possibilidade de leitura, e que essa possibilidade foi levantada pelos próprios alunos,

o que me parece demonstrar interesse em seguir a leitura, ou do contrario nem teriam essa iniciativa. Embora houvesse uma solução, esbarramos novamente em um obstáculo: nem todos os estudantes tinham celular ou não usavam o whatsapp ou ainda o seu dispositivo não possuía um leitor de PDF. Os avisei que tentaria pelo facebook e para outros que não tinham, por e-mail.

Bagé, 05 de julho de 2017

Um dia após a apresentação da obra e do autor, os alunos trouxeram para a aula algumas situações sobre a leitura do livro. Alguns não haviam ainda começado a leitura em virtude da falta de leitor de PDF em seus dispositivos e outros nós ainda estávamos tentando encontrar uma forma de enviar o livro, pois pelo facebook estávamos tendo dificuldade e nenhum (a) dos (as) alunos (as) utilizam e-mail. Desse modo eles se organizaram para ir uns a casa dos outros para fazerem a leitura para que não houvessem prejudicados. Confesso que fiquei extremamente contente com a iniciativa deles. Essa atitude demonstra, além do interesse na leitura do livro, a união entre eles e a vontade em ajudar ao próximo.

Assim, a leitura seguirá por mais 29 dias até o encontro com o autor que está planejado para início de agosto.

Bagé, 18 de Julho de 2017

Passado alguns dias, hoje no início de nossas aulas (2h/a), lembrei-os que hoje é o prazo para mandem suas perguntas para o autor, para que ele possa ler e pensar sobre suas possíveis respostas no dia do encontro. Combinamos que as perguntas serão enviadas pelo nosso Grupo do Whatsapp, assim eles podem visualizar os questionamentos uns dos outros para que não façam perguntas iguais ou muito semelhantes.

Avisei-os que poderia deixar alguns minutos de nossa aula para que pudessem formular as perguntas, alguns alunos usaram esse espaço, no entanto a maioria decidiu por enviar até a noite para que pudessem pensar melhor sobre suas dúvidas e curiosidades.

Bagé, 01 de agosto de 2017

Hoje foi dia de voltar a falar com o autor, dessa vez para confirmar sua ida á escola e para enviar-lhes as perguntas criadas pelos alunos sobre suas dúvidas e curiosidades sobre o livro. As mensagens foram trocadas pelo Whatsapp. O encontro ficou confirmado para o dia 04 de Agosto de 2017.

Bagé, 02 de Agosto de 2017

Hoje, reservei um tempinho do início da aula para conversar com os alunos sobre a visita do autor do livro *Hotel Califórnia* à escola. Comuniquei-os que a visita ocorrerá dia 04 de agosto, sexta-feira as 14h. Alguns relataram sua curiosidade me conhecer, fazendo perguntas sobre sua aparência. A maioria mostrou um misto de emoções como nervosismo, curiosidade, ansiedade... em meio a isso uma das alunas, que é a líder da turma, perguntou aos colegas se eles não topavam organizar um lanchinho para recepcionar o escritor Fernando Risch. A turma gostou da idéia e já começaram a se organizar em o que cada um traria.

Bagé, 04 de agosto de 2017

Hoje foi realizado o tão esperado encontro entre autor e leitores. Os alunos estavam muito ansiosos para conhecer o autor. Cheguei cedo na escola, visto que esse foi um dia atípico, pois sexta-feira é minha folga na escola, mas gentilmente uma colega cedeu suas duas primeiras aulas para que fosse possível acontecer o encontro. Antes do escritor chegar, arrumamos a biblioteca colocando as cadeiras em forma de círculo para a realização da roda conversa com o autor sobre a leitura do livro. Os estudantes também arrumaram uma mesa para distribuir os pratos e refrigerantes que haviam trazido para confraternizar com o escritor.

Este encontro teve algumas partes gravadas em vídeos, no entanto o áudio estava um pouco baixo e a imagem um pouco prejudicada, pois a câmera gravava alguns minutos e depois parava. Eu precisava levantar e ligá-la novamente para voltar a gravar.

O encontro foi extremamente satisfatório. Os alunos estavam super motivados com a visita e a grande maioria participou ativamente da atividade. Nos organizamos em uma roda de conversa, todos juntos, escritor, alunos e eu. Comecei a atividade apresentando o autor, falando sobre a importância dele para a realização do nosso projeto. O autor se apresentou, agradeceu pelo convite e se mostrou contente em estar fazendo parte desse projeto, disse que estava a disposição dos estudantes para as possíveis perguntas, visto que podiam surgir mais além das que haviam sido mandadas para ele. E realmente foi o que aconteceu.

Como é possível observar pelas imagens, aos pouco os alunos foram se soltando e conversando com o autor. O encontro durou duas aulas e ao final o escritor confraternizou com os estudantes e andou um pouco com os alunos pela biblioteca e observou alguns livros existentes.